



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e
das Organizações (PPG-PSTO)

Dissertação de Mestrado

Em busca de ordem: Desigualdade Econômica, Anomia e Autoritarismo como Preditores de
Crenças Conspiratórias

Lorena Gonçalves Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Coorientadora: Prof^ª Dr^ª Tátilla Brito

Brasília - DF

Março de 2026



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-
PSTO)

Em busca de ordem: Desigualdade Econômica, Anomia e Autoritarismo como Preditores de
Crenças Conspiratórias

Lorena Gonçalves Rodrigues

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social, do Trabalho e das Organizações
como requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social, do Trabalho e
das Organizações.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Coorientadora: Prof^ª Dr^ª Tátilla Brito

Brasília - DF

Janeiro de 2026

Dissertação de mestrado defendida diante e avaliada pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Departamento de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Mary Sandra Carlotto (Membro Interno)

Departamento de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília

Prof. Dr. João Gabriel Modesto (Membro Externo)

Programa de Pós-Graduação em Gestão, Educação e Tecnologias

Universidade Estadual do Goiás

Prof. Dra. Luana Elayne Cunha de Souza (Suplente)

Departamento de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília

Agradecimentos

Ao longo da minha trajetória no mestrado, contei com o apoio de diversas pessoas para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Ronaldo Pilati, pelo apoio, confiança e disponibilidade ao longo de todo o processo de pesquisa e escrita.

Agradeço também aos integrantes do LAPSOCIAL/GEPS, especialmente aos meus amigos Natália e Daniel, que foram essenciais na construção desta dissertação, dando diversas reflexões relevantes e sugestões, transformaram este trabalho em uma construção conjunta. Aos amigos que fiz durante essa jornada, France, Lucas, Bruno e Luccas, meu sincero agradecimento por estarem presentes nos momentos mais difíceis, vocês tornaram os momentos de angústia e cansaço mais leves. Agradeço à Keiko por ter iniciado essa jornada comigo e por ter sido uma das pessoas que mais me incentivou a tentar a carreira acadêmica em um momento importante da minha trajetória. Agradeço ainda à Tátila pelos momentos de orientação, escuta e apoio ao longo do caminho.

Sou profundamente grata à minha família pelo apoio constante. Iolanda e Edilberto sempre incentivaram meus estudos, o que contribuiu para que eu valorizasse ainda mais a educação. Em especial, agradeço aos meus irmãos, Amanda e Tobias, cujo apoio foi essencial para que eu conseguisse finalizar seguir mesmo nos momentos de ansiedade. Agradeço, com muito carinho, ao meu marido, Daniel, que me acompanha nessa trajetória desde que nos conhecemos e sempre foi meu maior incentivador e admirador.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que se disponibilizaram a participar dos estudos que compõem a dissertação. Sem a colaboração de vocês, este trabalho não teria sido possível. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro ao longo de todo o período do mestrado, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO) pelo

apoio institucional durante essa etapa. Como sugere o filme “O agente secreto”, a ciência é tão essencial quanto a cultura. Então, que este trabalho contribua para o fortalecimento de uma ciência comprometida com a leitura crítica da realidade e com a preservação da nossa capacidade de pensar e transformar o Brasil.

Sumário

Agradecimentos.....	3
Lista de Figuras	7
Lista de Tabelas.....	8
Lista de Abreviações	9
Resumo Geral.....	10
General Abstract.....	11
Introdução Geral.....	12
Bases psicológicas das crenças conspiratórias	13
Investigação no cenário brasileiro	15
Desigualdade Econômica e o Contexto Brasileiro	18
Anomia: Definições e Dimensões Psicossociais	19
Autoritarismo e Instabilidade Social	21
Predição de Crenças Conspiratórias	22
Estudo 1: adaptação da escala Perception of Anomie Scale (PAS).....	24
Método.....	27
Participantes.....	27
Instrumentos.....	27
Procedimento de Adaptação e Validade de Conteúdo.....	29
Procedimento de coleta de dados.....	30
Análise de dados	30
Resultados.....	31
Discussão Estudo 1	37
Estudo 2: Teste do Modelo de Mediação Moderada.....	40
Método.....	44

Participantes.....	44
Instrumentos.....	44
Procedimentos de coleta	47
Análise de dados	48
Resultados.....	48
Discussão Estudo 2.....	51
Discussão Geral.....	57
Considerações Finais.....	59
Referências	60
Anexos.....	73
Anexo A.....	73
Anexo B.....	74
Anexo C.....	75
Anexo D.....	76
Anexo E.....	77
Anexo F	78
Anexo G.....	79
Anexo H.....	80
Anexo I	82
Anexo J.....	83
Anexo L	86

Lista de Figuras

Figura 1	24
Figura 2	44
Figura 3	49

Lista de Tabelas

Tabela 1	32
Tabela 2	33

Lista de Abreviações

PAS – Escala de Percepção de Anomia

RTS - Ruptura do Tecido Social

CLP - Colapso das Lideranças Políticas

Resumo Geral

As crenças em teorias da conspiração aparecem em diferentes culturas e podem influenciar comportamentos coletivos, chegando até a ameaçar a estabilidade democrática, especialmente em momentos de polarização e incerteza. No Brasil, um país marcado por altos níveis de desigualdade econômica, essas crenças se entrelaçam de forma complexa com fatores sociais e psicológicos. Porém, há poucos estudos realizados no contexto sul-americano, o que dificulta compreender como a desigualdade se relaciona com esses fatores. Diante desse cenário, a dissertação investigou como as representações de desigualdade econômica, anomia e autoritarismo predizem as crenças conspiratórias. No Estudo 1, foi feita a adaptação e produção de evidências de validade da *Perception of Anomie Scale* (PAS) para o contexto brasileiro. A escala apresentou bons indicadores psicométricos e manteve estrutura bifatorial. Além disso, confirmou-se que quanto maior a percepção de anomia, maior a adesão a teorias conspiratórias gerais. No Estudo 2, analisou-se o papel mediador da anomia e o papel moderador do autoritarismo em um modelo estrutural. A anomia apareceu como um fator relacionado à menor adesão a teorias conspiratórias ideológicas específicas (de esquerda). Verificou-se também que a desigualdade econômica previu diretamente apenas as conspirações alinhadas à esquerda, e que o autoritarismo exerceu efeitos distintos conforme a afinidade ideológica. Assim, o modelo testado evidencia que, no Brasil, a combinação entre desigualdade naturalizada e baixa confiança institucional produz padrões de mediação e moderação distintos dos descritos pela literatura internacional, ressaltando a necessidade de compreender crenças conspiratórias a partir de seus contextos sociopolíticos específicos.

Palavras-chave: crenças conspiratórias; desigualdade econômica; anomia; autoritarismo

General Abstract

Belief in conspiracy theories appears across different cultures and can influence collective behaviors, even threatening democratic stability, particularly in times of polarization and uncertainty. In Brazil, a country marked by high levels of economic inequality, these beliefs are intricately intertwined with social and psychological factors. However, there is a scarcity of studies conducted within the South American context, which hinders understanding of how inequality relates to these factors. Given this scenario, this dissertation investigated how perceptions of economic inequality, anomie, and authoritarianism predict belief in conspiracy theories. In Study 1, the Perception of Anomie Scale (PAS) was adapted and validated for the Brazilian context. The scale demonstrated good psychometric properties and retained a two-factor structure. Furthermore, it was confirmed that higher perceptions of anomie are associated with greater endorsement of general conspiracy theories. In Study 2, the mediating role of anomie and the moderating role of authoritarianism were analyzed in a structural model. Anomie emerged as a factor related to lower endorsement of specific ideological (left-wing) conspiracy theories. It was also found that economic inequality directly predicted only left-aligned conspiracy theories, and that authoritarianism exerted distinct effects depending on ideological affinity. Thus, the tested model demonstrates that, in Brazil, the combination of normalized inequality and low institutional trust produces mediation and moderation patterns that differ from those described in the international literature, highlighting the need to understand conspiracy beliefs within their specific sociopolitical contexts.

Keywords: conspiratorial beliefs; economic inequality; anomie; authoritarianism.

Introdução Geral

As crenças em teorias da conspiração são um fenômeno transcultural, capaz de moldar as percepções e comportamentos em sociedade (Byford, 2014). Um exemplo desse fenômeno pode ser observado nos ataques feitos em dois países distintos. Nos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021, ocorreu a invasão do Capitólio durante a certificação dos votos para presidente. Essa investida foi motivada por teorias conspiratórias relacionadas à manipulação e roubo de votos nas eleições de 2020 (Tortella, 2022). De forma semelhante, no Brasil, em 8 de janeiro de 2023, manifestantes invadiram e depredaram violentamente edifícios-sede da República. Esses grupos eram motivados pela crença de que as urnas eletrônicas das eleições de 2022 haviam sido fraudadas e que existiria um suposto plano secreto para impedir a permanência do ex-presidente no poder (Ferreira & Galvão, 2023). Tais crenças, bastante difundidas nas redes sociais, alimentaram um clima de revolta e descrença institucional que suscitou a invasão violenta dos edifícios dos poderes da república.

Outro exemplo significativo é o movimento antivacina, que ganhou muita força nos últimos anos. Esses movimentos se alimentam de diferentes teorias conspiratórias, entre elas a ideia de que existe um grupo secreto que utiliza vacinas para controlar ou manipular a população por razões ocultas. Tais convicções tem diversas consequências, pois contribuem para a queda nas taxas de imunização, para o ressurgimento de doenças previamente controladas, além de mortes e sequelas que poderiam ter sido evitadas por meio de políticas de saúde pública baseadas em evidências científicas (Grimes, 2025).

As manifestações desses fenômenos evidenciam que as teorias da conspiração não apenas influenciam percepções individuais, mas também moldam comportamentos coletivos. Esses episódios mostram como narrativas conspiratórias podem ganhar força quando se encontram em contexto de instabilidade política ou de baixa confiança nas instituições

(Goertzel, 1994; Jolley & Douglas, 2014b, 2014a).

Bases psicológicas das crenças conspiratórias

Em períodos marcados por instabilidade social e polarização política, a sensação de falta de controle surge como um fator central para explicar a adesão das pessoas a teorias conspiratórias (Mao et al., 2024; Van Prooijen et al., 2015). Esse cenário de incerteza, muitas vezes acompanhado de desconfiança em relação à ciência, cria um ambiente propício para narrativas que atribuem eventos complexos a ações ocultas de grupos poderosos (Miller et al., 2016). Como consequência, crenças que antes eram difundidas em grupos específicos passam a circular de forma mais ampla, afetando a coesão social e enfraquecendo a adesão a democracia (Dow et al., 2022). Em contextos assim, torna-se difícil combater a desinformação, já que a própria legitimidade das fontes de conhecimento é questionada (Kalil et al., 2021).

Do ponto de vista psicológico, esse processo pode ser compreendido pela Teoria do Controle Compensatório, que propõe que em situações ameaçadoras as pessoas têm a necessidade de restaurar a sensação de ordem (Noordewier & Rutjens, 2021). Noordewier e Rutjens argumentam que é nesse cenário que as teorias da conspiração ganham força. Elas funcionam como uma compensação, ou seja, trocam a ideia de que eventos são aleatórios e de que, na verdade, há uma explicação coerente. Ao apresentar um culpado, essas teorias proporcionam a ilusão de controle, e são eficazes em momentos de crise.

Para compreender como esse fenômeno se desenvolve e se mantém Douglas et al. (2017) apontam que as crenças conspiratórias são sustentadas por três conjuntos de motivações psicológicas. A primeira corresponde às motivações epistêmicas relacionadas ao desejo de conhecimento e de explicações coerentes. Assim, em momentos de incerteza, as teorias conspiratórias oferecem interpretações simples que ajudam as pessoas a organizar

eventos que parecem desconexos. Já as motivações existenciais relacionam-se às necessidades de segurança psicológica. A partir disso, quando indivíduos se sentem vulneráveis essas narrativas podem ser interpretadas como tentativas de recuperar um senso de estabilidade. Por fim, as motivações sociais envolvem a necessidade de manter uma imagem positiva de si mesmo e de seu grupo. Dessa forma, as teorias fortalecem as identidades grupais e, em alguns momentos, alimentam o narcisismo grupal.

Esses três tipos de atuam em conjunto para explicar por que as teorias conspiratórias têm tanto apelo e se disseminam com facilidade em diferentes contextos. Outros estudos complementam esse entendimento sugerindo que a crença em teorias conspiratórias também responde à busca das pessoas por sentido em um ambiente social percebido como hostil. Assim, as pessoas ficam mais propensas a acreditar em explicações que distorcem a realidade em tempos de crise, buscando versões mais idealizadas para entender fatos questionáveis (De Albuquerque & Quinan, 2019; Van Prooijen et al., 2015).

Sob essa perspectiva, Hofstadter (1996) argumenta que teorias conspiratórias podem funcionar como instrumento de controle social e político, pois induzem a sensação de perseguição e reforçam a ideia de que forças ocultas influenciam o destino de toda a população. Dessa maneira, indivíduos passam a acreditar que sua luta contra essas supostas ameaças é necessária, o que justifica o uso de ações extremas. Um exemplo disso é a crença de que a guerra no Iraque teria sido organizada por grupos empresariais visando benefícios econômicos próprios, apesar da inexistência de provas concretas que sustentem essa narrativa (Rezende et al., 2019).

Com a intensificação do uso das redes sociais, o interesse por teorias conspiratórias tornou-se ainda mais disseminado. Plataformas digitais ampliaram o alcance dessas narrativas e favoreceram a criação de comunidades que reforçam essas ideias. Esse fenômeno se agrava em períodos de crise democrática, quando a população passa a desconfiar de órgãos

responsáveis pela produção de conhecimento científico, como as universidades e centros de pesquisa (Cinelli et al., 2022).

Além disso, existem estudos que mostram que a identidade grupal é um fator que influencia a adesão a crenças conspiratórias. Cookson et al. (2021) demonstram que as crenças atribuídas ao próprio grupo desempenham papel central na adesão individual a teorias conspiratórias. De forma complementar, Zhai e Yan (2023) mostram que o conservadorismo político está positivamente associado à aceitação de conspirações tanto sobre o exogrupo quanto sobre o endogrupo.

Diante desse contexto, torna-se fundamental compreender como tais crenças se manifestam em contextos específicos, como o brasileiro, de que maneira as teorias da conspiração têm sido investigadas no Brasil, quais fatores socioculturais influenciam sua aceitação e como esses fenômenos se articulam com especificidades da realidade nacional.

Investigação no cenário brasileiro

No Brasil, as crenças conspiratórias têm sido investigadas sob diferentes perspectivas, o que mostra que esse fenômeno se articula de maneira complexa com diversos fatores sociais. Evidências indicam que o contexto político brasileiro favorece a adoção e a manutenção desse tipo de crença. Galli e Modesto (2021), por exemplo, demonstraram que as crenças conspiratórias relacionadas à pandemia mediaram significativamente a relação entre a orientação política e a intenção de vacinação. Seus resultados indicam que quanto mais à direita uma pessoa se identifica, maior tende a ser o apoio a narrativas conspiratórias, principalmente aquelas que buscam desacreditar informações oficiais sobre COVID-19.

Esse achado é semelhante ao de Alba et al. (2018), que identificaram uma relação positiva entre extremismo político, crenças conspiratórias e maior autodeclaração de conhecimento em diferentes áreas. Isto é, indivíduos mais extremistas tendem não apenas a

acreditar mais em teorias da conspiração, mas também a sustentar ideias sobre temas que não necessariamente possuem maior conhecimento.

Rezende et al. (2019) realizaram uma pesquisa para compreender como a população brasileira compreende o que são teorias da conspiração. De forma geral, o estudo concluiu que as teorias da conspiração são vistas principalmente como uma forma de explicar acontecimentos da realidade social. Essas explicações estão muitas vezes ligadas à ideia de que existem grupos secretos que controlam eventos e informações importantes.

Outro conjunto de pesquisas tem dado destaque ao papel das dinâmicas de informação na sustentação dessas crenças. Fragoso (2023) analisou como diferentes fontes, em especial grupos no Telegram, contribuem para a circulação e legitimação de teorias conspiratórias no Brasil. A autora mostra que tais teorias fornecem narrativas simplistas e emocionalmente satisfatórias aos usuários. Fragoso identificou que os quatro mecanismos que estruturam essas narrativas são a circularidade argumentativa, a nucleação suprimida, o maniqueísmo e o uso de indeterminações concorrentes. Esses mecanismos reforçam uma sensação ilusória de segurança e controle, ao mesmo tempo em que promovem sentimentos de pertencimento e valorização grupal. Assim, as teorias conspiratórias se tornam atrativas para grupos socialmente fragilizados.

Em uma perspectiva política, Kalil et al. (2021) mostraram como o governo Bolsonaro transformou determinadas teorias conspiratórias em discurso oficial e, em alguns casos, em políticas públicas. O estudo evidencia que tensões entre liberdade individual, saúde pública e autoridade científica foram instrumentalizadas politicamente, gerando narrativas que alimentaram suspeitas, medo e antagonismos entre diferentes segmentos da sociedade. Um exemplo disso foi a recusa do governo federal de adquirir vacinas, como a da Pfizer/BioNTech, e a promoção de estratégias que contribuíram para o espalhamento

intencional do vírus. Essas práticas reforçaram concepções que responsabilizam o indivíduo, e não o Estado, pela própria saúde, o que acarreta riscos para a democracia e para a saúde pública.

No campo psicométrico, o Brasil possui estudos que buscam produzir evidências de validade de instrumentos que permitam investigar esse fenômeno. Rezende et al. (2021a) desenvolveram e validaram a Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC), identificando cinco dimensões centrais: manipulação por grupos secretos, teorias sem base científica, explicações alternativas da realidade social, controle de informação e contestação de fatos sociais. Em outros estudos, Rezende et al. (2021b) demonstraram que traços de personalidade também estão associados ao endosso dessas crenças. Pessoas mais suscetíveis a percepções de ameaça cognitiva ou emocional tendem a recorrer a explicações conspiratórias para restabelecer um senso de estabilidade diante de situações complexas ou desorganizadas.

Além disso, a adaptação brasileira da Escala Genérica de Crenças Conspiratórias (EGCC-Br), proposta por Matsunaga et al. (2019), ampliou as possibilidades de mensurar esse construto no Brasil. A partir dessa escala, Dos Reis et al. (2024) identificaram que ser mulher e possuir maior escolaridade estão negativamente associadas às crenças conspiratórias gerais. O estudo também mostrou que, no contexto brasileiro, a religiosidade exerce impacto preditivo relativamente baixo nessas crenças, enquanto as crenças paranormais exercem influência mais robusta sobre a mentalidade conspiratória.

Em conjunto, esses achados mostram que as crenças conspiratórias no Brasil não resultam de um único fator, mas de uma convergência entre polarização política, desinformação, fragilização institucional, características individuais e mecanismos de identidade. Ao mesmo tempo, mostram a importância crescente das investigações sobre o tema, dada sua relevância para o debate público. Diante desse cenário, torna-se necessário

examinar também os elementos estruturais que podem alimentar tais crenças e que modificam a percepção das pessoas sobre a sociedade.

Desigualdade Econômica e o Contexto Brasileiro

Um dos elementos estruturais que podem contribuir para o fortalecimento dessas visões é a desigualdade econômica. A relação entre desigualdade econômica e crenças conspiratórias tem sido explorada em estudos recentes, destacando que contextos marcados por diferenças sociais intensas oferecem um ambiente propício para que explicações alternativas prosperem (Jetten et al., 2022).

Casara et al. (2022a), por exemplo, demonstram que a desigualdade econômica prediz de forma significativa o surgimento de crenças conspiratórias, especialmente entre indivíduos que se percebem em posição de desvantagem. Nesses contextos, as teorias da conspiração funcionam como mecanismos de sentido, ajudando essas pessoas a explicar sua realidade social. Corroborando esses achados, Zeng et al. (2024), ao investigar o fenômeno no contexto chinês, observaram que a percepção de desigualdade econômica aumenta especificamente as crenças em teorias conspiratórias relacionadas às elites e aos grupos ricos, efeito mediado pela avaliação moral negativa desses grupos, vistos como injustos.

No caso brasileiro, essa articulação entre desigualdade e crenças conspiratórias se torna ainda mais relevante, visto que o país está entre os dez mais desiguais do mundo, sendo o segundo com maior concentração de renda (Sassi, 2021). De acordo com Sassi, essa desigualdade, intensificada na época da pandemia, mostrou a vulnerabilidade socioeconômica de milhões de brasileiros, em que cerca de 30% da população necessitou do auxílio emergencial para garantir sua subsistência. Apesar dessas medidas, a disparidade de renda ficou ainda mais evidente, produzindo um cenário marcado por instabilidades que influenciam a forma como as pessoas interpretam eventos políticos e econômicos.

A literatura mostra que a desigualdade econômica acarreta diversos prejuízos sociais e políticos. Jetten et al. (2022) identificam que sociedades desiguais apresentam menor coesão social, menor colaboração entre indivíduos, maior comparação social e níveis mais baixos de participação política. Nesse contexto, as crenças conspiratórias surgem como respostas para lidar com as incertezas, a sensação de injustiça e a perda de controle subjetivo frente ao ambiente social (Cheung & Lucas, 2016; Sánchez-Rodríguez et al., 2019). Assim, compreender como esses elementos interagem no Brasil torna-se fundamental.

Tomé (2024) desenvolveu, no âmbito da Psicologia Social brasileira, a Escala de Representações Mentais de Desigualdade Econômica (ERDE), que busca compreender como os indivíduos representam cognitivamente um contexto desigual. Essa perspectiva dialoga com estudos internacionais, como o de Valtorta et al. (2024), que validaram a Perceived Economic Inequality Scale (PEIS) na Itália. A partir dessa medida, Vezzoli et al. (2023) observaram que maiores percepções de desigualdade econômica previam maior engajamento político indicando que a percepção subjetiva da desigualdade mobiliza respostas diferentes a depender da posição do indivíduo na hierarquia social.

Anomia: Definições e Dimensões Psicossociais

Esse cenário de desigualdade articula-se diretamente com o conceito de anomia. Durkheim (1897/2000) conceitua a anomia como um estado de desordem social que emerge quando normas e valores perdem sua força de regulação, principalmente em momentos de grandes mudanças repentinas. Nesse sentido, a anomia representa a perda de referências simbólicas e a desestabilização das expectativas sociais que organizam a vida coletiva (Bocchi, 2021).

A partir de uma perspectiva psicológica, Srole (1956) descreve a anomia como uma experiência subjetiva de desconexão em relação às normas sociais, marcada por sentimentos

de impotência e desconfiança. Konty (2005) complementa argumentando que indivíduos com maior anomia tendem a não se ajustar aos padrões de controle social, o que favorece comportamentos desviantes.

No Brasil, Formiga (2013) demonstrou que níveis elevados de anomia estão associados a condutas antissociais e delitivas, reforçando que o enfraquecimento das normas e do senso de coletividade compromete a estabilidade social. Em termos conceituais, Teymoori et al. (2017) propõem um modelo psicológico de anomia composto por duas dimensões: desintegração (que corresponde à percepção de declínio do tecido social e enfraquecimento dos laços de confiança) e desregulação (resultado do colapso das lideranças políticas percebidas como ilegítimas ou ineficazes). Desse modo, entende-se que a perda de legitimidade dos líderes enfraquece o poder regulador das instituições, gerando dificuldades de cooperação.

Para medir essas dimensões, Teymoori et al. (2016) desenvolveram uma escala amplamente utilizada. Bornand e Klein (2022), empregando esse instrumento, demonstraram que pessoas de menor status socioeconômico apresentavam maiores índices de anomia e menor confiança política, sugerindo que a desigualdade estrutural intensifica as percepções de desconexão social. Casara et al. (2022b), utilizando a mesma medida identificaram que a desigualdade econômica aumenta a percepção de anomia, que, por sua vez, eleva a adoção de crenças conspiratórias. Zeng et al. (2024), em estudo complementar, reforçam que valores morais e anomia mediam a relação entre desigualdade percebida e as crenças conspiratórias.

Pesquisas interculturais corroboram sistematicamente tal dinâmica. Sonjusun (2025) demonstrou que percepções subjetivas de desigualdade aumentavam os níveis de anomia, afetam as comparações sociais e diminuam a satisfação das relações. Ademais, Adamus et al. (2025) verificaram que crenças conspiratórias relacionadas à pandemia de Covid-19

aumentavam significativamente a ansiedade econômica, indicando que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, tais crenças não oferecem conforto, mas intensificam sentimentos de ameaça.

Autoritarismo e Instabilidade Social

Outro elemento crucial nesse debate é o autoritarismo. Pesquisas mostram que o autoritarismo é um forte preditor de crenças conspiratórias (Grzesiak-Feldman & Irzycka, 2009; Grzesiak-Feldman, 2015). O autoritarismo caracteriza-se por maior adesão à autoridade percebida como necessária para restabelecer ordem, especialmente em contextos de insegurança e ameaça (Costa & Silveira, 2018; Fromm, 1941). Feldman e Stenner (1997) demonstram que atitudes autoritárias surgem com mais intensidade quando indivíduos percebem ameaças ao status quo social, aumentando a intolerância e a propensão a apoiar medidas repressivas.

Para que estruturas autoritárias se formem, não basta a figura de um líder forte, pois é necessário também um conjunto de indivíduos alinhados com discursos autoritários, que funcionam como disseminadores dessas ideologias (Costa & Silveira, 2018). No Brasil, Silva e Rodrigues (2021) destacam que práticas autoritárias têm sido reforçadas por campanhas de desinformação, discursos de ódio e ataques sistemáticos a grupos minoritários, propagados principalmente por desinformação e teorias conspiratórias. Teymoori et al. (2017) argumentam que o autoritarismo pode emergir como resposta psicológica à anomia, pois quando indivíduos percebem que normas sociais colapsaram e instituições perderam legitimidade, buscam alternativas capazes de reestabelecer controle, mesmo que isso implique apoiar medidas antidemocráticas.

Essa dinâmica foi estudada por Lima et al. (2022) que identificaram que indivíduos com menor percepção de colapso das lideranças apresentavam maior apoio a figuras políticas

autoritárias. Complementarmente, Adam-Troian et al. (2022) sugere que a precariedade material e a insegurança subjetiva funcionam como mecanismos para crenças conspiracionistas e radicalização, reforçando a associação entre a percepção de desregulação do ambiente social e o surgimento de comportamentos extremistas.

Assim, o Brasil configura-se como um contexto altamente relevante para investigar a relação entre desigualdade econômica, anomia, autoritarismo e crenças conspiratórias. O país apresenta uma acentuada discrepância de rendimentos (Miato, 2024), e evidências indicam que a desigualdade não apenas aumenta a propensão a crenças conspiratórias (Zeng et al., 2024), mas também reduz a cooperação, enfraquece a confiança interpessoal, estimula o apoio a líderes autoritários e diminui a participação política (Lima et al., 2022; Jetten et al., 2022). Esse ciclo se intensifica em contextos de incerteza e instabilidade institucional, o que torna ainda mais necessária a compreensão desses processos no Brasil.

Predição de Crenças Conspiratórias

A literatura aponta que a combinação entre desigualdade, anomia e autoritarismo cria um contexto favorável para o surgimento de crenças conspiratórias. Pesquisas recentes mostram que ambientes com grandes diferenças sociais facilitam a difusão de explicações alternativas para eventos sociais e políticos (Jetten et al., 2022). Estudos de Casara et al. (2022a) e Zeng et al. (2024) indicam que a desigualdade econômica é um fator importante para o desenvolvimento dessas crenças, que passam a funcionar como uma forma de dar sentido à realidade, principalmente entre pessoas em situação de desvantagem ou que avaliam negativamente as elites.

Nesse processo, a anomia desempenha um papel mediador. Casara, et al. (2022b) observaram que a desigualdade aumenta a percepção de desorganização social, o que, por sua vez, está associado a uma maior adesão a crenças conspiratórias. Além disso, Adamus et al.,

(2025) verificaram que, ao contrário do que se poderia esperar, essas crenças não trazem alívio emocional, mas tendem a intensificar sentimentos de ameaça e ansiedade em relação à situação econômica.

Por fim, embora existam estudos que explorem a relação dessas variáveis, a maioria das pesquisas foi realizada em contextos norte-americanos, europeus ou asiáticos. Assim, compreender esse fenômeno em uma realidade sul-americana é essencial, dado que a percepção da desigualdade e as formas de organização social variam significativamente entre culturas (Roazzi et al., 2006). Diante disso, fazer essa investigação nesse contexto contribui para o avanço teórico e oferece informações importantes para compreender fenômenos sociais atuais, principalmente aqueles relacionados ao comportamento político.

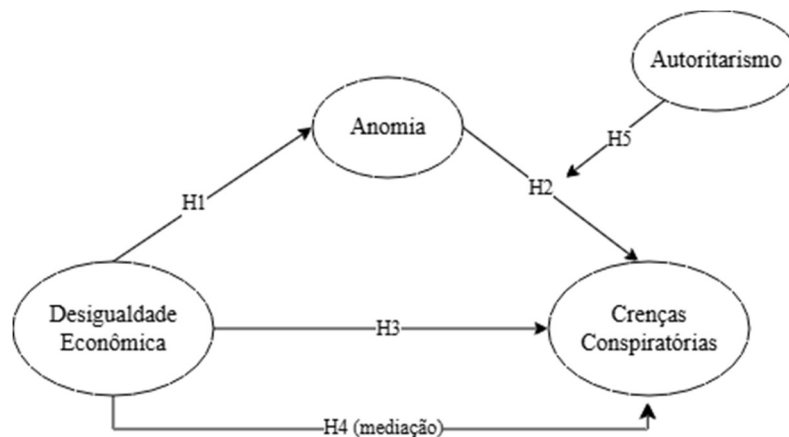
Nessa perspectiva, o objetivo geral da presente dissertação é testar um modelo de mediação moderada que investiga o efeito da desigualdade econômica sobre as crenças conspiratórias por meio da anomia, considerando o papel moderador do autoritarismo na relação entre a anomia e as crenças. A Figura 1 apresenta o modelo teórico hipotetizado e as relações previstas entre as variáveis com as hipóteses mapeadas. Para isso, serão realizados dois estudos. O Estudo 1 é destinado a tradução e produção de evidências de validade da escala *Perception of Anomie Scale* (PAS). O Estudo 2 busca testar o modelo teórico, verificando o papel mediador da anomia na relação entre as representações de desigualdade econômica e as crenças conspiratórias, além de avaliar o papel moderador do autoritarismo entre anomia e crenças conspiratórias.

A partir disso, espera-se que quanto maiores os índices de anomia, maiores os índices de percepção de desigualdade econômica (H1); maiores índices de anomia predizem maiores níveis de crenças conspiratórias (H2); quanto maior a percepção de desigualdade econômica, maiores as crenças conspiratórias (H3); a anomia será um mediador entre a percepção de

desigualdade econômica e as crenças conspiratórias (H4); e de que o autoritarismo modera a relação entre a anomia e as crenças conspiratórias (H5).

Figura 1

Modelo teórico das relações entre as variáveis do estudo.



Estudo 1: adaptação da escala *Perception of Anomie Scale (PAS)*

O Quênia viveu, em junho de 2024, uma das maiores ondas de protestos de sua história recente, marcadas pela grande participação da Geração Z e por episódios significativos de violência. O que motivou esse acontecimento foi o projeto de lei financeira que previa aumentos de impostos sobre itens essenciais, em um cenário de inflação elevada e alto índice de desemprego. Para grande parte da população, essas medidas foram interpretadas como mais uma demonstração de distanciamento do governo (Henshall, 2024).

A mobilização tomou forma de maneira orgânica, sendo impulsionada por jovens que recorreram a plataformas, como TikTok, para compartilhar informações e organizar as manifestações. Embora os protestos tenham começado pacificamente, a tensão cresceu rapidamente. No dia 25 de junho, milhares de pessoas se reuniram diante do Parlamento em Nairóbi, e parte do grupo acabou invadindo o edifício. A resposta policial foi violenta, com

envolvendo o uso de gás lacrimogêneo e balas de borracha. A pressão popular, juntamente com a intensa repercussão das manifestações, fez com que o presidente William Ruto voltasse atrás (Henshall, 2024).

Esse contexto exemplifica concretamente os processos de desregulação e desintegração associados à anomia, conforme proposto por Teymoori et al. (2017). A desregulação manifesta-se quando a população percebe que o governo perde a capacidade de estabelecer normas legítimas e socialmente justas. Já a desintegração se manifesta pelo desgaste da confiança coletiva e pelo enfraquecimento dos laços sociais, refletindo a sensação de abandono, injustiça e deterioração da coesão social.

Entre os jovens quenianos, especialmente aqueles da Geração Z, predominou a frustração com as dificuldades econômicas e a percepção de um governo é ineficaz. A crença de que o sistema favorece apenas uma parcela da elite intensifica a sensação de exclusão. A combinação de repressão violenta, censura à mídia e falta de diálogo com a população reforça a crise de legitimidade e o enfraquecimento da regulação social.

Teymoori et al. (2017) descrevem a anomia justamente como essa quebra simultânea da interação e da regulação social. A ruptura do tecido social corresponde à percepção de que a sociedade está se desagregando e, assim, diminuem a união e o senso de pertencimento. Já o colapso das lideranças políticas ocorre quando os cidadãos deixam de considerar seus governantes como legítimos e eficazes. Nessas condições, as normas perdem sua força e as pessoas se tornam menos dispostas a cooperar e a seguir orientações institucionais.

Essa compreensão dialoga diretamente com a formulação clássica de Durkheim (1897/2000), segundo a qual a anomia surge quando as normas e referências simbólicas que sustentam a ordem social se rompem, sobretudo em períodos de mudança abrupta. Merton (1951) aprofunda essa perspectiva ao argumentar que a anomia ocorre quando há um

desequilíbrio entre metas culturalmente valorizadas e os meios para alcançá-las. Desse modo, quando o sucesso é socialmente exigido, mas os meios são inacessíveis para grande parte da população, gera-se frustração e, em alguns casos, comportamentos desviantes.

Quando o indivíduo percebe que a sociedade está perdendo sua capacidade de regular comportamentos e manter a coesão, isto é, quando experimenta a desregulação e a desintegração, ocorre um processo de desregulação moral que enfraquece a eficácia dos controles sociais. A sensação de que a sociedade é injusta, de que as lideranças são ilegítimas ou indiferentes e de que a confiança mútua se deteriorou acarreta na perda de força das normas e do sentido de obrigação moral. Nesse cenário, comportamentos antissociais ou delitivos podem emergir como respostas à frustração, à alienação e à percepção de ausência de controle social eficaz (Formiga, 2013). A anomia, portanto, não apenas resulta de condições estruturais desfavoráveis, mas pode aumentar comportamentos desviantes que, por sua vez, alimentam a instabilidade social.

Para mensurar essas dinâmicas, diferentes instrumentos foram desenvolvidos. A escala de Srole (1956) surgiu com intuito de captar a anomia avaliando sentimentos como indiferença em relação às lideranças, imprevisibilidade da ordem social, pessimismo quanto ao futuro, falta de propósito e sensação de apoio social insuficiente. Já a *Perception of Anomie Scale* (PAS), proposta por Teymoori et al. (2016), mede a anomia de acordo com a percepção do indivíduo sobre a sociedade. Possui 12 itens distribuídos entre ruptura do tecido social e colapso das lideranças políticas. Os autores evidenciaram que níveis elevados de percepção de anomia estão associados a indicadores reais de deterioração social, como corrupção e instabilidade política, além de preverem menor bem-estar subjetivo e níveis reduzidos de identificação nacional.

No contexto brasileiro, até o momento, não há uma versão validada que tenha seguido

rigorosamente as etapas e os protocolos estabelecidos para a adaptação e validação de instrumentos psicométricos. Desse modo, o Estudo 1 possui como objetivo realizar a adaptação da escala *Perception of Anomie Scale* (PAS) para o contexto brasileiro seguindo o guia da *International Test Commission* – Diretrizes do ITC para Tradução e Adaptação de Testes – de 2017.

Método

Participantes

Participaram do estudo 382 participantes, sendo que os critérios de inclusão foram: ter mais de 18 anos e residir em território brasileiro. As idades variaram entre 19 e 71 anos ($M = 51,79$, $DP = 12,65$), 70% se consideraram brancos(as), cerca de 49,21% se identificaram como mulher cisgênero, 28,68% possuem renda familiar mensal a partir de R\$5 mil reais, 36,57% como politicamente à esquerda e 27,3% residiam em São Paulo.

Instrumentos

Versão Brasileira da *Perception of Anomie Scale* (PAS) – Anexo A. Foi aplicada a versão adaptada para português brasileiro da escala desenvolvida por Teymoori et al. (2016) que possui como objetivo identificar a percepção de anomia da população. A escala original é composta por duas dimensões divididas em 12 itens, sendo elas: ruptura do tecido social e colapso das lideranças políticas. Os itens foram respondidos em uma escala de 1 a 7, sendo que 1 a “corresponde a discordo totalmente” e 7 a “corresponde a concordo totalmente”). No presente estudo, a estrutura fatorial e a consistência interna da escala foram avaliadas, conforme apresentado na seção de Resultados.

Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD) – Anexo B. Foi aplicada a escala em versão reduzida (Gouveia et al., 2009), desenvolvida por (Seisdedos Cubero, 2001),

que possui como objetivo medir o comportamento em relação às condutas antissociais e delitivas. O instrumento é composto por 20 itens, sendo eles divididos igualmente nas dimensões: condutas antissociais ($\alpha = 0,75$; $\omega = 0,75$) e condutas delitivas ($\alpha = 0,86$; $\omega = 0,85$). A dimensão de condutas antissociais refere-se a comportamentos que desafiam normas sociais, como vandalismo. Já a dimensão de condutas delitivas abrange atos infracionais mais graves e tipificados como ilegais, como furtos e roubos. Os itens foram respondidos em uma escala de 1 a 10, sendo que 1 corresponde a “nunca” e 10 corresponde a “sempre”).

Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC) – Anexo C. Foi utilizada a escala desenvolvida por Rezende et al. (2021a), na qual busca avaliar crenças em teorias da conspiração. A escala é composta por 15 itens, que se dividem em 5 componentes com três itens para cada, sendo eles: manipulação farmacêutica ($\alpha = 0,78$; $\omega = 0,78$), conspirações globais ($\alpha = 0,85$; $\omega = 0,86$), manipulação de grupos secretos ($\alpha = 0,91$; $\omega = 0,91$), encobrimento de contato extraterrestre ($\alpha = 0,88$; $\omega = 0,87$) e o controle de informações ($\alpha = 0,88$; $\omega = 0,88$). A dimensão de manipulação farmacêutica corresponde à crença de que a indústria da saúde cria doenças ou omite curas para lucro próprio. A dimensão de conspirações globais está associada à ideia de que existe uma "Nova Ordem Mundial" controlando a economia e a política. A manipulação de grupos secretos corresponde à percepção de que grupos interferem em eventos mundiais. A dimensão de encobrimento de contato extraterrestre diz respeito a crenças de que governos escondem provas de vida alienígena. Por fim, o controle da informação está relacionado à desconfiança de que a mídia e órgãos oficiais distorcem deliberadamente os fatos. A classificação ocorre por uma escala likert de 5 pontos, sendo 1 (discordo totalmente) e a 5 (concordo totalmente).

Escala de Autoritarismo de Esquerda (EAE) – Anexo D. Será utilizada a escala desenvolvida por (Costello & Patrick, 2023), na qual busca avaliar níveis de autoritarismo de

esquerda no indivíduo. A escala é composta por 13 itens, que se dividem em 3 componentes: agressão anti-hierárquica ($\alpha = 0,71$; $\omega = 0,72$), anticonvencionalismo ($\alpha = 0,56$; $\omega = 0,60$) e censura de cima para baixo ($\alpha = 0,58$; $\omega = 0,69$). A dimensão anti-hierárquica corresponde ao desejo de derrubar violentamente as estruturas de poder estabelecidas. O anticonvencionalismo diz respeito à rejeição absoluta aos valores tradicionais e normas conservadoras. Por fim, a censura de cima para baixo corresponde ao apoio ao uso de autoridade governamental ou institucional para suprimir discursos considerados intolerantes ou ofensivos. A classificação ocorre por uma escala likert de 5 pontos, sendo 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente).

Questionário sociodemográfico. Foi aplicado um questionário com itens sociodemográficos, como gênero, idade, estado de residência, renda salarial, identificação racial, escolaridade, estado civil e identificação política (1 corresponde à “totalmente à esquerda” e 5 à “totalmente à direita”).

Procedimento de Adaptação e Validade de Conteúdo

O processo de adaptação transcultural foi realizado de acordo com as diretrizes da *International Test Commission* para tradução e adaptação de testes (ITC, 2017), com o objetivo de garantir que os itens mantivessem equivalência semântica e conceitual em relação à versão original.

Inicialmente, dois pesquisadores bilíngues, com experiência em Psicologia Social, realizaram traduções independentes dos itens para o português brasileiro. Essas versões foram posteriormente comparadas, resultando em uma versão preliminar. Em seguida, essa versão foi submetida à retrotradução, conduzida de forma independente e sem acesso à escala original por outros dois pesquisadores, com o intuito de verificar a fidelidade do conteúdo traduzido.

Todo o processo foi registrado por meio de formulários, nos quais os juízes analisaram as divergências entre as versões e propuseram ajustes linguísticos e culturais necessários para a construção da versão final. O formulário de avaliação pode ser visualizado no Anexo E.

Procedimento de coleta de dados

Após a finalização da etapa de adaptação, o protocolo de coleta foi estruturado em um formulário digital no EFS. A divulgação ocorreu entre os meses de janeiro e março de 2025 por meio de divulgação de anúncios pagos no Facebook com intuito de ampliar o alcance da amostra e atingir participantes de diferentes regiões do país. A imagem de divulgação pode ser visualizada no Anexo F.

Ao acessar o formulário, os participantes eram inicialmente apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual eram explicitados os objetivos da pesquisa, o caráter voluntário da participação, a garantia de anonimato e sigilo das informações fornecidas, bem como a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Somente após a concordância expressa com o TCLE os participantes tinham acesso ao questionário propriamente dito.

Na sequência, foi apresentada a versão final da escala adaptada, seguida dos demais instrumentos descritos anteriormente. A ordem de apresentação das escalas foi definida de forma aleatorizada, com o intuito de minimizar os efeitos de ordem.

Análise de dados

Foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) de Aiken (1985) a fim de testar a concordância entre os juízes sobre clareza e relevância dos itens do instrumento. Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da *Perception of Anomie Scale* (Teymoori et al., 2016). A análise foi implementada

utilizando uma matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a Robust Promin (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). De acordo com a literatura (Brown, 2006), valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, com intervalo de confiança não atingindo 0,10, e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90, ou preferencialmente, 0,95.

A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice H (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Foi também implementada a medida de importância de Pratt, para complementar a interpretação das cargas fatoriais, que, em termos percentuais, explica o quanto cada fator explica dos itens (Wu & Zumbo, 2017). Além disso, foi realizada uma correlação de Pearson a fim de testar a validade entre os instrumentos.

Resultados

Para verificar a validação por especialistas, foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) (Aiken, 1985) como forma de quantificar os juízos dos avaliadores. Foram calculados os CVC por juízes, os CVC por item e os CVC geral da escala. Adotou-se o valor de $CVC \geq 0,80$ como critério mínimo para validade de conteúdo (Aiken, 1985), padrão que foi satisfatoriamente alcançado com a Escala PAS, sendo o CVC total de 0,93.

Posteriormente, foram realizados os testes de ajuste do modelo e análise fatorial exploratória pelo programa FACTOR versão 12.06.08. Os testes de esfericidade de Bartlett

($\chi^2 = 1421,8$, $df = 66$, $p < 0,01$) e KMO (0,80) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A análise paralela sugeriu dois fatores como sendo os mais representativos para os dados.

As cargas fatoriais dos itens podem ser observadas na Tabela 1. Também são reportados os índices de Fidedignidade Composta, bem como estimativas de replicabilidade dos escores fatoriais (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Tabela 1

Estrutura fatorial da Escala de Percepção de (PAS)

Itens	CLP	RTS
11. O governo trabalha para o bem-estar das pessoas.	0,84	-0,02
6. O governo usa seu poder de forma legítima.	0,81	0,10
2. O governo é legítimo.	0,80	0,07
9. As leis e as políticas do governo são eficazes.	0,68	-0,09
7. A maioria das pessoas acredita que, se algo funciona, não importa realmente se é certo ou errado.	-0,20	0,63
12. A maioria das pessoas acredita que a honestidade não funciona o tempo todo e que, em algumas vezes, a desonestidade pode ser a melhor abordagem para ter sucesso.	-0,18	0,61
3. Os políticos não se importam com os problemas de pessoas comuns.	0,18	0,59
4. As pessoas acham que não existem princípios morais claros a serem seguidos.	-0,03	0,52
10. As pessoas não sabem em quem podem confiar e contar.	0,05	0,51
1. Todos pensam em si mesmos/mesmas e não ajudam aqueles/aquelas que precisam de ajuda.	-0,11	0,46
5. Algumas leis não são justas.	0,25	0,46
8. As pessoas são cooperativas.	0,19	-0,01
Confiabilidade Composta	0,75	0,87
H-latente	0,76	0,77
H-observado	0,88	0,87

Nota: CLP = Colapso das Lideranças Políticas; RTS = Ruptura do Tecido Social.

Apenas um item foi retirado por não apresentar carga fatorial maior de 0,30, a saber: item 8. Além disso, os itens 3 e 5, que originalmente pertenciam ao fator de Ruptura do

Tecido Social migraram para o fator de Colapso das Lideranças Políticas. Os índices de ajuste do instrumento foram adequados ($\chi^2 = 98,037$, $gl = 43$; $p < 0,01$; RMSEA = 0,05 (0,04 - 0,06); CFI = 0,96; TLI = 0,94). A fidedignidade composta dos fatores também se mostrou aceitável (acima de 0,70) para quase todos os fatores. A medida de replicabilidade da estrutura fatorial (*H*-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) sugere que essa estrutura de fatores pode ser replicada em estudos futuros ($H > 0,80$).

A fim de testar a robustez da solução de dois fatores, foi testada uma estrutura unifatorial. Os índices de ajuste para o modelo unifatorial foram insatisfatórios ($\chi^2 = 480,52$, $gl = 54$; $p < 0,001$; RMSEA = 0,14 (0,11 - 0,17); CFI = 0,74; TLI = 0,69), apresentando uma piora em comparação ao modelo de dois fatores. Esses resultados corroboram a multidimensionalidade da escala, indicando que a separação entre as dimensões ajusta-se melhor do que uma medida única de anomia.

Para avaliar a contribuição relativa de cada item na definição dos construtos latentes, foram calculadas as Medidas de Importância de Pratt (Wu & Zumbo, 2017). Esta métrica permite ordenar as variáveis preditoras com base na sua participação na variância explicada, superando as limitações da interpretação baseada apenas nas cargas fatoriais tradicionais, especialmente em situações de multicolinearidade. A Tabela 2 apresenta os valores de importância dos dois fatores extraídos.

Tabela 2

Índices da Importância de Pratt por fator

Itens	CLP	RTS
11. O governo trabalha para o bem-estar das pessoas.	0,74	0,00
6. O governo usa seu poder de forma legítima.	0,66	0,01
2. O governo é legítimo.	0,65	0,01
9. As leis e as políticas do governo são eficazes.	0,45	0,00
7. A maioria das pessoas acredita que, se algo funciona, não importa realmente se é certo ou errado.	-0,20	0,63

Itens	CLP	RTS
12. A maioria das pessoas acredita que a honestidade não funciona o tempo todo e que, em algumas vezes, a desonestidade pode ser a melhor abordagem para ter sucesso.	0,02	0,37
3. Os políticos não se importam com os problemas de pessoas comuns.	0,04	0,35
4. As pessoas acham que não existem princípios morais claros a serem seguidos.	0,00	0,26
10. As pessoas não sabem em quem podem confiar e contar.	0,00	0,26
1. Todos pensam em si mesmos/mesmas e não ajudam aqueles/aquelas que precisam de ajuda.	0,00	0,21
5. Algumas leis não são justas.	0,07	0,22
8. As pessoas são cooperativas.	0,00	0,03

Nota: CLP = Colapso das Lideranças Políticas; RTS = Ruptura do Tecido Social.

Em relação ao fator CLP observa-se que os itens 7 ($\beta = 0,63$), 12 ($\beta = 0,37$) e 3 ($\beta = 0,35$) apresentaram os maiores índices de importância. Estes resultados indicam que estes três itens constituem o núcleo deste fator, sendo os principais responsáveis por sua definição estatística e conceitual. Em contrapartida, itens como 8 e 11 apresentaram contribuição nula para este fator. Já em relação ao fator de RTS, a hierarquia de importância revelou um padrão distinto. A variável 11 demonstrou ser o indicador mais relevante ($\beta = 0,71$), seguida de perto pelos itens 6 ($\beta = 0,66$) e 2 ($\beta = 0,65$).

É notável a magnitude elevada destes índices comparada aos demais itens do modelo, sugerindo que a RTS é fortemente determinada por esta tríade de variáveis. A análise conjunta dos índices de Pratt mostra uma estrutura fatorial satisfatória, uma vez que as variáveis de alta importância em um fator tendem a apresentar valores próximos de zero no outro fator. Isso corrobora a distinção entre os dois fatores analisados.

Por fim, realizou-se a validade convergente por meio de análises de correlação de Pearson entre os fatores das escalas mencionadas anteriormente. Os coeficientes de correlação e seus respectivos níveis de significância são apresentados na Tabela 3.

O fator RTS apresentou correlações positivas e estatisticamente significativas, ainda que de baixa magnitude, com a maioria dos fatores analisados. A correlação mais forte foi observada com o fator Controle de Informações da escala de Crenças Conspiratórias ($r = 0,37$; $p < 0,01$), classificada como moderada, quanto maior a percepção de que as normas estão enfraquecidas, maior a crença em teorias de controle de informações. Em contraste, nenhuma associação significativa foi identificada entre o primeiro fator da PAS e os fatores da Escala de Condutas Antissociais e Delitivas.

Em relação ao fator CLP foram encontradas correlações positivas e significativas, e os demais, exceto para o fator de Condutas Antissociais, não alcançaram significância estatística. A maior correlação ocorreu com o fator Conspirações Globais da escala de Crenças Conspiratórias ($r = 0,43$; $p < 0,01$), também classificada como moderada. Essa relação demonstra que quanto maior a percepção de que as lideranças políticas estão falhando em seu papel, maior endosso às crenças em teorias da conspiração globais. Os fatores de Autoritarismo de Esquerda tiveram uma correlação negativa e significativa. Indicando que quanto mais autoritário de esquerda, menor percepção de anomia o sujeito possui.

Tabela 3

Correlação entre os fatores das escalas de Crenças Conspiratórias, Comportamentos Antissociais e Delitivos, Autoritarismo de Esquerda e Anomia.

Fatores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1.CC1	-											
2.CC2	0,45***	-										
3.CC3	0,46***	0,60***	-									
4.CC4	0,30***	0,31***	0,36***	-								
5.CC5	0,45***	0,56***	0,67***	0,39***	-							
6.CAD1	0,03	0,13*	0,18	0,01	0,06	-						
7.CAD2	0,11*	0,17***	0,17***	0,02	0,13*	0,59***	-					
8.EAE1	-0,14***	-0,19***	-0,13***	-0,05	-0,11*	8,71X10-4	-0,03	-				
9.EAE2	-0,18***	-0,19***	-0,14***	-0,05	-0,12*	0,09	0,03	0,65***	-			
10.EAE3	-0,23***	-0,30***	-0,27***	-0,08	-0,18***	0,03	-0,16***	0,54***	0,66***	-		
11.PAS1	0,28***	0,32***	0,34***	0,16***	0,37***	0,07	0,07	-0,08	-0,08	-0,15**	-	
12.PAS2	0,32***	0,43***	0,36***	0,27***	0,32***	0,01	0,13**	-0,02***	-0,30***	-0,46***	0,57***	-

Nota: * = $p < 0,05$; ** = $p < 0,01$; *** = $p < 0,001$; CC1 = Manipulação Farmacêutica; CC2 = Conspirações Globais; CC3 = Manipulação de Grupos Secretos; CC4 = Encobrimento de Contatos Extraterrestres; CC5 = Controle de Informações; CAD1 = Condutas Antissociais; CAD2 = Condutas Delitivas; EAE1 = Agressão Anti-Hierarquia; EAE2 = Anticonvencionalismo; EAE3 = Censura Top-Down; PAS1 = Ruptura do Tecido Social; PAS2 = Colapso das Lideranças Políticas.

Discussão Estudo 1

O objetivo deste estudo foi realizar o teste de validade da escala *Perception of Anomie Scale* (PAS) de Teymoori et al. (2016) para a língua portuguesa do Brasil. O instrumento demonstrou validade psicométrica, confirmando a estrutura de dois fatores. A estabilidade dessa solução foi evidenciada pela estrutura fatorial adequada e pelos melhores índices de ajuste comparado à solução unifatorial.

Na análise fatorial exploratória, apenas o item 8 (“As pessoas são cooperativas”), pertencente ao RTS na escala original, apresentou carga fatorial inferior a 0,30, sendo, portanto, excluído da versão final. Além disso, houve a migração dos itens 3 e 5, que, embora inicialmente pertencentes ao CLP, passaram a carregar no fator RTS na amostra atual. Essa mudança pode refletir tanto a influência do contexto sociopolítico brasileiro quanto a questões na adaptação semântica dos itens.

É possível que haja influência de desejabilidade social, entendida como a tendência a responder de modo positivo para causar boa impressão social (MacCann et al., 2011). Nesse sentido, os participantes podem ter afirmado que as pessoas são cooperativas não por observarem esse comportamento na prática, mas por considerarem essa norma socialmente desejável, mesmo que haja percepção de anomia.

Em relação as evidências de validade convergente, a escala possui associações relevantes com diversos construtos. Os dois fatores que compõem a escala apresentaram correlações positivas e significativas com os fatores das Crenças Conspiratórias, indicando que a percepção de anomia está associada a uma maior adesão a teorias conspiratórias. Especificamente, teve uma correlação maior com Manipulação Farmacêutica, Conspirações Globais e Manipulação de Grupos Secretos. Esses achados sugerem que indivíduos que percebem uma ruptura nas normas sociais e no funcionamento da sociedade tendem também a

endossar explicações conspiratórias sobre eventos e instituições.

Essa associação entre anomia e crenças conspiratórias pode ser compreendida a partir da função que ambas desempenham na tentativa de lidar com a incerteza e o sentimento de desordem social (Rezende et al., 2021b; Teymoori et al., 2017). Como abordado em Teymoori et al. (2017) a anomia é caracterizada pela percepção de que as normas sociais estão em declínio e de que há falhas de instituições em cumprir seu papel, o que compromete o tecido social e gera nos indivíduos um sentimento de instabilidade. Assim, em contextos marcados por desconfiança generalizada e baixa legitimidade institucional, as crenças conspiratórias oferecem uma narrativa explicativa coerente, que atribui intencionalidade a eventos sociais caóticos (Grzesiak-Feldman & Irzycka, 2009).

Além disso, a escala de anomia demonstrou correlações negativas com os fatores de Autoritarismo de Esquerda. Esses resultados sugerem que indivíduos com maiores níveis de autoritarismo tendem a perceber menor colapso institucional e menor desintegração social, o que pode refletir uma visão mais estruturada da sociedade a partir de sua perspectiva ideológica.

Essa relação pode ser compreendida a partir da base ideológica e normativa que sustenta o autoritarismo de esquerda abordada por Costello & Patrick (2023), o qual, apesar de conter elementos autoritários, se baseia em uma visão de transformação social com forte compromisso coletivo. Pessoas com esse perfil tendem a enxergar a sociedade a partir de uma lógica de organização e justiça social, mesmo que por meios autoritários. Assim, elas podem interpretar as tensões e conflitos sociais não como sinais de colapso, mas como parte de um processo de correção das desigualdades e promoção da equidade. Isso se opõe diretamente à percepção de anomia, que envolve sentimentos de desorientação e ausência de normas.

As correlações entre a escala de anomia e os fatores de comportamentos antissociais e

delitivos foram, por outro lado, fracas ou inexistentes. Isso indica que a percepção de anomia não está diretamente relacionada a comportamentos antissociais ou delitivos no nível individual, pelo menos nesta amostra. Esse resultado pode ser compreendido considerando que a anomia, enquanto construto subjetivo, representa uma avaliação cognitiva de ordem social, e não um preditor direto de conduta. Embora teóricos clássicos, como Durkheim (1897/2000) e Merton (1951), tenham associado a anomia ao enfraquecimento das normas sociais e, conseqüentemente, à maior probabilidade de desvio, outros estudos apontam que nem todos os indivíduos que percebem o mundo como desorganizado respondem com comportamentos disruptivos (Teymoori et al., 2017). Desse modo, fatores como valores pessoais e suporte social atuam como reguladores, impedindo que o sentimento de anomia se converta em comportamentos delitivos.

Este estudo apresentou algumas limitações que devem ser consideradas. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres cisgênero, pessoas autodeclaradas brancas e com média de 51,79 anos, o que não reflete a diversidade étnico-racial e de gênero da população brasileira. Essas limitações comprometem a generalização dos resultados, uma vez que experiências de anomia são atravessadas por marcadores sociais (Jetten et al., 2022; Teymoori et al., 2017). Diante disso, recomenda-se que estudos futuros tenham uma amostra mais diversa capaz de garantir representatividade e de captar perspectivas mais amplas dos brasileiros.

Além das limitações amostrais, os resultados deste estudo também apontam para a necessidade de sensibilidade contextual na adaptação de escalas de anomia. Em sociedades marcadas por forte polarização política, como é o caso do Brasil, itens com conteúdo politizado podem migrar entre fatores, alterando a estrutura fatorial.

Apesar das limitações, as evidências psicometricas encontradas demonstram validade

de conteúdo e construto no contexto brasileiro. A estrutura de dois fatores apresentou cargas e índices de consistência interna satisfatórios, confirmando que o instrumento é adequado para a investigação da percepção de anomia na população brasileira.

Com uma escala válida, agora é possível aprofundar a análise de como a anomia se relaciona com outros constructos. Assim, o Estudo 2 retoma o objetivo central da dissertação ao utilizar essa escala para testar o modelo teórico proposto, examinando se a anomia medeia a relação entre desigualdade econômica e crenças conspiratórias e como o autoritarismo influencia essas relações.

Estudo 2: Teste do Modelo de Mediação Moderada

Fragoso (2023) demonstra que as teorias da conspiração se proliferam com mais intensidade em contextos de angústia e medo. Nesse sentido, a crença nessas ideias ocorrem no momento que surge a necessidade de segurança. Assim, em ambientes sociais fragilizados, essas teorias se tornam atraentes e são amplamente difundidas. Esse fenômeno é potencializado pela crescente disseminação de informações, permitindo que narrativas sem base em evidências concretas sejam propagadas nas redes sociais, resultando no desenvolvimento de crenças prejudiciais que afetam a compreensão de acontecimentos sociais (Rezende et al., 2021b).

Em estudo de Casara et al. (2022b) é destacado que a maior suscetibilidade a disseminação de teorias da conspiração está associada a sociedades economicamente desiguais. Isso ocorre porque em contextos sociais com esses aspectos há maior instabilidade e o indivíduo busca uma maneira de dar sentido às incertezas provocadas por esse ambiente. Diante disso, há uma maior popularização de teorias da conspiração, sendo que elas abordam temas distintos, tal qual as suposições governamentais, sobre extraterrestres e outros (Bravo, 2019).

Casara et al. (2022b) também identificaram mecanismos psicológicos que podem explicar o efeito da desigualdade econômica, como a anomia, definida como a percepção subjetiva de colapso na coesão social e na liderança política, levando o indivíduo a sentir que as normas sociais perderam sua validade (Teymoori et al., 2017). Em outras palavras, a desigualdade econômica possui impacto na percepção social de anomia, levando à desconexão das normas sociais e instituições estabelecidas. Por sua vez, a anomia aumenta a propensão das pessoas a aderirem a crenças em teorias da conspiração, pois elas buscam explicações alternativas que prometem restaurar o controle e a ordem em uma sociedade percebida como caótica ou desordenada.

Nesses contextos sociais de instabilidade, em que as crenças conspiratórias ganham destaque ao fornecer explicações simples para eventos complexos, o autoritarismo surge como uma alternativa, oferecendo a percepção de ordem e controle, sendo esse um preditor dessas crenças (Grzesiak-Feldman & Irzycka, 2009). Teymoori et al. (2017) aponta que o autoritarismo surge como uma alternativa ao oferecer estrutura social e bem-estar psicológico em condições de incerteza.

Diante desse conjunto de fatores, compreende-se a relevância desse trabalho no contexto brasileiro, visto que o Brasil é o segundo país com maior concentração de renda do mundo (Sassi, 2021). Apesar de um aumento recente na renda per capita da população, ainda existe uma disparidade de cerca de 40% entre os estratos sociais (Miato, 2024). Esse cenário intensifica a erosão da coesão social, favorece a violência, reduz a participação política e amplifica o apoio a lideranças autoritárias, reforçando processos de comparação e competição social (Jetten et al., 2022; Lima et al., 2022).

Nesse contexto de desigualdade persistente e fragilização dos vínculos sociais, torna-se particularmente relevante compreender como indivíduos interpretam a realidade social e

política. No artigo de Swami et al. (2010), as crenças conspiratórias são analisadas como respostas psicológicas que visam dar sentido a eventos complexos. O estudo demonstra que o cinismo político e as atitudes de desafio à autoridade são preditores centrais, indicando que tais ideias surgem com maior força entre indivíduos que desconfiam do sistema político tradicional. Para esses indivíduos, as explicações convencionais das autoridades parecem insuficientes, levando-os a adotar narrativas alternativas que validam o seu ceticismo em relação ao poder estabelecido.

É importante destacar que a forma como indivíduos desenvolvem e endossam teorias conspiratórias não é homogênea, pois existem crenças conspiratórias gerais e crenças conspiratórias específicas, que podem influenciar de maneira diferente os fatores psicossociais discutidos (Enders & Smallpage, 2019; Miller, 2020; Swami et al., 2011). As crenças gerais correspondem à predisposição ampla para interpretar eventos como resultado de conspirações, ou seja, possuir um modo de pensar geral baseado na suposição de que forças poderosas e ocultas manipulam eventos (Imhoff & Bruder, 2014). Já as crenças específicas referem-se a teorias concretas, que variam conforme o contexto, os conteúdos midiáticos e a orientação ideológica (Imhoff & Lamberty, 2017).

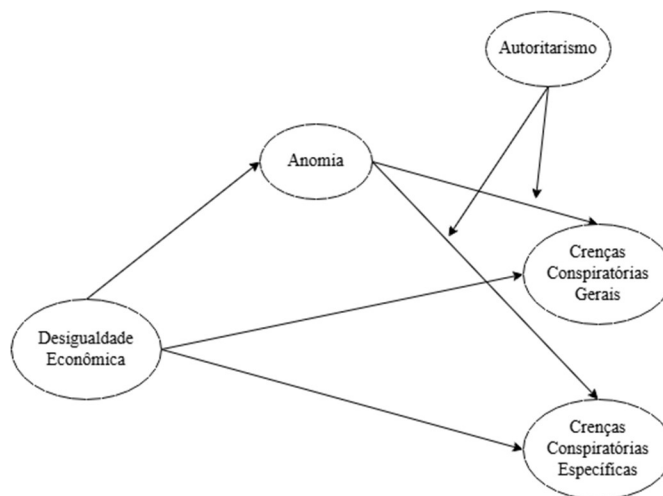
Assim, diferenciar esses dois níveis é fundamental, pois um indivíduo pode apresentar alta predisposição conspiratória geral, mas aceitar apenas determinados conteúdos específicos, ou ainda rejeitar alguns temas enquanto endossa outros. Testar ambos permite compreender como a anomia, a desigualdade e o autoritarismo influenciam tanto a tendência geral ao pensamento conspiratório quanto a adesão a narrativas específicas que circulam intensamente no Brasil. Essa diferenciação é relevante em um cenário de polarização política e circulação de desinformação temática, como no Brasil, em que certos conteúdos conspiratórios se associam a orientações ideológicas claras (Oliveira, 2023; Ribeiro & Modesto, 2023).

Embora existam pesquisas que avaliem a relação entre desigualdade econômica, anomia e crenças conspiratórias, a maioria dos estudos foi conduzida em contextos norte-americanos e asiáticos, o que limita sua generalização para outros ambientes socioculturais. Assim, investigar esse fenômeno no Brasil é essencial, dado que a forma como a desigualdade é percebida e vivida varia conforme o contexto cultural (Roazzi et al., 2006). Além disso, o presente estudo busca avaliar o papel do autoritarismo, entendido como um mecanismo que promove segurança e ordem em contextos de incerteza (Schwarcz, 2019). Esse mecanismo pode reforçar tanto percepções de anomia quanto o endosso a teorias conspiratórias, logo, avaliar essa relação no contexto brasileiro é essencial para compreender o fenômeno.

Dessa forma, o Estudo 2 teve como objetivo testar o papel mediador da anomia na relação entre representações de desigualdade econômica e crenças conspiratórias, bem como avaliar o papel moderador do autoritarismo entre anomia e crenças conspiratórias, tanto gerais quanto específicas, permitindo compreender com maior precisão como diferentes dimensões conspiratórias são afetadas no contexto brasileiro. Espera-se que quanto maiores os índices de anomia, maiores os índices de percepção de desigualdade econômica (H1); maiores índices de anomia predizem maiores níveis de crenças conspiratórias (H2); quanto maior a percepção de desigualdade econômica, maiores as crenças conspiratórias (H3); a anomia será um mediador entre a percepção de desigualdade econômica e as crenças conspiratórias (H4); e que o autoritarismo modera a relação entre a anomia e as crenças conspiratórias (H5). A Figura 2 apresenta o modelo teórico do estudo.

Figura 2

Modelo teórico das relações entre as variáveis do estudo.



Método

Participantes

Participaram do estudo 629 pessoas com idades entre 19 e 72 anos ($M = 57,34$; $DP = 11,93$). Cerca de 66% possui ensino superior completo e pós graduação, 27,03% possui renda entre 3 e 5 salários mínimos, 40,06% se consideram mulheres cis ou transgênero, 71,22% se identificaram como brancos, 38,47% utiliza redes sociais (como Instagram, X/Twitter, TikTok, Facebook, etc.) várias vezes por dia, 39,74% se identificaram com pautas progressistas, 25,91% se identificaram como totalmente a direita e 38,15% se identificaram como a favor de pautas econômicas liberais. Considerou-se, como critério de inclusão para participação na pesquisa, possuir mais de 18 anos e morar em território brasileiro.

Instrumentos

Versão Brasileira da *Perception of Anomie Scale (PAS)* – Anexo A. Foi utilizada a escala de percepção de anomia adaptada no Estudo 1 que tem como objetivo identificar a percepção de anomia da população ($CFI = 0,95$; $TLI = 0,94$; $RMSEA = 0,06$). Essa escala é

composta por duas dimensões, cada uma com onze itens. A primeira se refere à dimensão de ruptura do tecido social ($\alpha = 0,67$) e a segunda, ao colapso das lideranças políticas ($\alpha = 0,91$). Os itens foram avaliados por meio de um slider entre 1 (Discordo totalmente) e 100 (Concordo totalmente).

Escala de Representações de Desigualdade Econômica (ERDE) – Anexo G. Foi utilizada a escala desenvolvida por (Tomé, 2024) que visa avaliar as representações mentais sobre desigualdade econômica dos indivíduos (CFI = 0,92; TLI = 0,90; RMSEA = 0,06). É uma escala unidimensional composta por doze itens ($\alpha = 0,79$), respondida da mesma forma que a escala anterior.

Escala Genérica de Crenças Conspiratórias (EGCC-Br) – Anexo H. Foi utilizada a escala desenvolvida por (Brotherton et al., 2013) e adaptada para o contexto brasileiro por (Matsunaga et al., 2019) com o objetivo de avaliar crenças conspiratórias mais gerais (CFI = 0,96; TLI = 0,95; RMSEA = 0,06). Essa escala é composta por quinze itens divididos nas seguintes dimensões: conduta ilegal do governo ($\alpha = 0,88$) com três itens, conspirações malévolas globais ($\alpha = 0,81$) com três itens, encobrimento Extraterrestre ($\alpha = 0,77$) com três itens e bem-estar pessoal e controle da informação ($\alpha = 0,85$) com seis itens. A dimensão de conduta ilegal do governo busca avaliar a crença de que o governo pratica atos criminosos e antiéticos contra seus próprios cidadãos. As conspirações malévolas globais mensuram a ideia de que um grupo pequeno e secreto controla os eventos mundiais com intenções malignas. O encobrimento extraterrestre mede a crença de que evidências de vida alienígena são ocultadas do público pelas autoridades. Por fim, a dimensão de bem-estar e controle da informação agrupa crenças sobre a manipulação da ciência, da mídia e de tecnologias para prejudicar a saúde individual e controlar o fluxo de informações. Os participantes usaram a mesma escala de resposta que a anterior.

Escalas de Autoritarismo de Direita – Anexo I. Foi utilizada a uma medida reduzida para mensurar o Autoritarismo de Direita (CFI = 0,86; TLI = 0,82; RMSEA = 0,07) adaptada para o contexto brasileiro por (Vilanova et al., 2018) com quatro dimensões divididas em doze itens divididos igualmente: Autoritarismo ($\alpha = 0,65$), Contestação de Autoridade ($\alpha = 0,68$), Tradicionalismo ($\alpha = 0,68$) e Submissão à Autoridade ($\alpha = 0,64$). A dimensão de autoritarismo avalia o apoio a medidas punitivas do Estado para manter a ordem social e o controle sobre os desviantes. A contestação de autoridade mensura a disposição para questionar, desafiar ou não se submeter cegamente a figuras de poder. Já o tradicionalismo verifica o grau de adesão a valores morais antigos, costumes religiosos e normas convencionais da sociedade. Por fim, a submissão à autoridade afere a tendência a obedecer e respeitar incondicionalmente líderes estabelecidos e instituições hierárquicas. Os participantes usaram a mesma escala de resposta que a anterior.

Escala de Autoritarismo de Esquerda – Anexo D. Foi utilizada a escala desenvolvida por Costello e Patrick (2023), composta por 13 itens, originalmente organizados em três dimensões: Agressão Contrária à Hierarquia, Anticonformismo e Censura Institucional. Neste estudo, entretanto, o Autoritarismo de Esquerda foi tratado como um único fator. Essa decisão foi tomada devido à alta correlação observada entre os fatores na análise preliminar, principalmente entre Anticonformismo e Censura Institucional ($r = 0,95$; $p < 0,001$), indicando que essas dimensões não se diferenciaram nesta amostra. Diante disso, os itens foram agrupados em um escore geral. O modelo apresentou índices de ajuste adequados (CFI = 0,93; TLI = 0,91; RMSEA = 0,07). Os participantes responderam aos itens utilizando a mesma escala de resposta da medida anterior.

Vinhetas de Conteúdo Conspiratório (Formato Twitter/X) – Anexo J. Foram desenvolvidos oito tweets, elaborados a partir de publicações reais às quais foi adicionado um teor conspiratório, de forma a atender aos objetivos do estudo. Os estímulos finais foram

construídos para apresentar uma alternativa que rejeita a versão oficial dos fatos, bem como a ideia de que grupos ocultos ou poderosos conspiram secretamente com intenções maliciosas. Cada tweet recebeu um nome de usuário fictício, e os números de curtidas e compartilhamentos foram controlados para serem semelhantes entre os estímulos, evitando que funcionassem como fator de interferência. Os participantes deveriam avaliar, em uma escala de 1 a 100, o grau de identificação, concordância e intenção de compartilhar cada conteúdo. Antes da seleção final, foi conduzido um pré-teste com 16 tweets em uma amostra de 10 participantes, que avaliaram a clareza, coerência e presença de teor conspiratório. Com base nas respostas, foram feitos pequenos ajustes de redação e selecionados os tweets com maior aderência aos critérios estabelecidos. Para gerar os tweets foi utilizado o site <https://geradores.net/gerador-de-tweets/>.

Questionário sociodemográfico. Foi aplicado um questionário com itens sociodemográficos, como gênero, idade, estado de residência, renda salarial, identificação racial, identificação com pautas sociais e escolaridade.

Procedimentos de coleta

Foi elaborado um questionário na plataforma soSci online Survey (Social Science Survey). A pesquisa foi divulgada por meio de anúncios pagos no Facebook visando uma amostra mais ampla. A divulgação ocorreu entre julho de 2025 e agosto de 2025. A imagem de divulgação pode ser visualizada no anexo F. Ao acessarem o link da pesquisa, os participantes foram inicialmente direcionados à página do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que continha informações a respeito do anonimato da pesquisa, riscos e o e-mail de um dos responsáveis pela pesquisa caso haja alguma dúvida ou feedback.

Após o consentimento, os respondentes tiveram acesso ao questionário sociodemográfico e aos instrumentos psicométricos descritos anteriormente. Após o aceite,

deveriam responder aos instrumentos citados acima. Para controlar possíveis efeitos de ordem, a apresentação das escalas foi randomizada.

Análise de dados

Foram realizados testes descritivos e inferenciais, utilizando a linguagem de programação R, versão 4.4.1, e pacotes como lavaan (Rosseel, 2012), mediation (Tingley et al., 2014), dplyr (Wickham et al., 2023) e tidyverse (Wickham et al., 2019). Inicialmente, foram calculados estatísticas de média e desvio padrão para caracterizar a amostra.

Adicionalmente, foram conduzidas análises de correlação de Pearson para examinar as relações entre as variáveis do estudo.

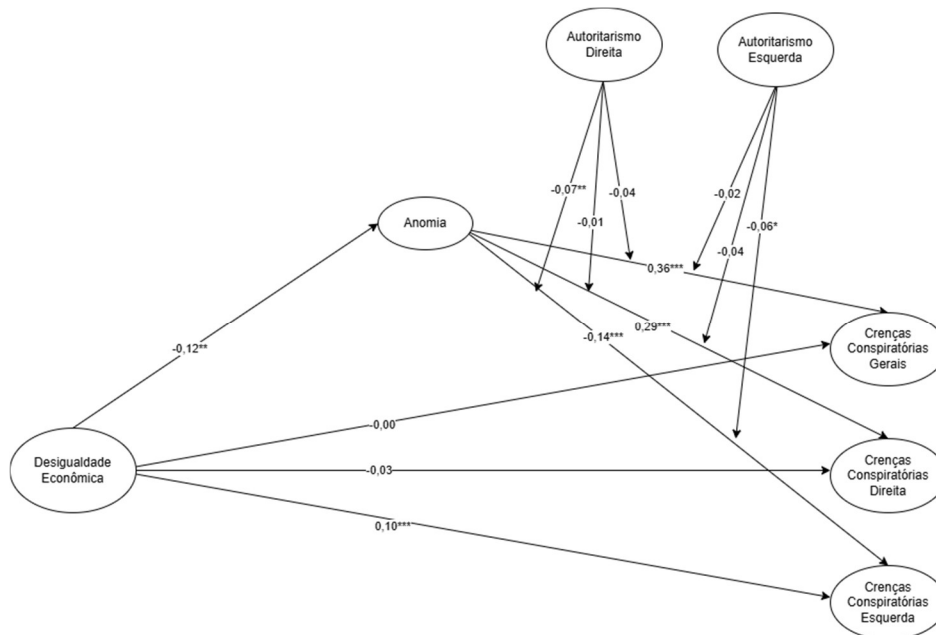
O modelo proposto foi testado por meio de uma modelagem de equações estruturais (SEM). O método de estimação utilizado foi o de Máxima Verossimilhança Robusto (MLR) com intuito de avaliar as relações diretas e indiretas entre as variáveis independentes e dependentes. Por fim, também foram realizados testes para verificar se o modelo possui um bom ajuste, como teste chi-quadrado, *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR).

Resultados

A seguir, é possível visualizar o teste de modelo. a Figura 3 apresenta a estrutura do modelo de forma simplificada a fim de facilitar a visualização. A versão completa pode ser vista no anexo L. De modo geral, o modelo apresentou bons índices de ajuste (CFI = 0,98; TLI = 0,95; RMSEA = 0,05; IC 95% [0,035; 0,073]; SRMR = 0,04).

Figura 3

Modelo do teste de mediação moderada



Nota: * = $p < 0,05$; ** = $p < 0,01$; *** = $p < 0,001$

Foram avaliados modelos alternativos considerando as dimensões de anomia separadamente. Contudo, ambas as análises revelaram índices de ajuste insatisfatórios. Para a dimensão CLP, foi obtido: CFI = 0,60; TLI = -0,73; RMSEA = 0,49 (IC 95% [0,48; 0,51]) e SRMR = 0,29. Já para a dimensão RTS: CFI = 0,58; TLI = -0,83; RMSEA = 0,50 (IC 95% [0,50; 0,53]) e SRMR = 0,27.

Os resultados indicaram uma associação negativa e estatisticamente significativa entre a percepção de desigualdade econômica e a anomia ($\beta = -0,12$; $p < 0,01$). Isso sugere que indivíduos que percebem maiores níveis de representações de desigualdade econômica possuem níveis mais baixos de desintegração social, incerteza normativa e enfraquecimento dos laços sociais. Dessa forma, a H1 foi refutada.

A H2 foi parcialmente suportada, mostrando padrões diferentes de acordo com o tipo

de crença conspiratória analisada. Especificamente, a anomia apresentou um efeito positivo sobre as crenças conspiratórias gerais ($\beta = 0,36$; $p < 0,001$) e sobre as crenças conspiratórias de direita ($\beta = 0,29$; $p < 0,001$), indicando que níveis mais elevados de desorganização social e percepção de ausência de normas favorecem a adesão a narrativas conspiratórias nesses domínios.

Entretanto, a anomia teve um efeito preditivo negativo sobre as crenças conspiratórias de esquerda ($\beta = -0,14$; $p < 0,001$). Esse resultado sugere que maiores níveis de anomia parecem diminuir a adesão a esse tipo específico de crença, possivelmente refletindo diferenças ideológicas.

No que diz respeito a H3, os resultados indicam um suporte parcial à hipótese. Não foram observados efeitos diretos estatisticamente significativos das representações de desigualdade econômica sobre as crenças conspiratórias gerais ($\beta = 0,00$; $p > 0,05$) nem sobre as crenças conspiratórias de direita ($\beta = -0,03$; $p > 0,05$). Por outro lado, verificou-se um efeito direto positivo e significativo das representações de desigualdade econômica sobre as crenças conspiratórias de esquerda ($\beta = 0,10$; $p < 0,001$), indicando que a percepção de desigualdade pode influenciar diretamente esse tipo de crença, independentemente do nível de anomia.

A análise de mediação (H4) confirmou o papel da anomia como um mecanismo explicativo indireto da relação entre a percepção de desigualdade econômica e crenças conspiratórias. Os resultados indicam que as representações de desigualdade econômica influencia as crenças conspiratórias indiretamente por meio da anomia, de forma positiva para as crenças gerais e de direita e de forma negativa para as crenças conspiratórias de esquerda, reforçando a importância da desintegração social com um papel relevante nesse processo.

Por fim, a análise de moderação pelo autoritarismo (H5) revelou efeitos moderadores

diferentes conforme a orientação ideológica. No caso do autoritarismo de direita, observou-se uma interação negativa e significativa na predição das crenças conspiratórias de esquerda ($\beta = -0,07$; $p < 0,01$), indicando que o efeito positivo da anomia sobre essas crenças é diferente entre indivíduos com níveis mais elevados de autoritarismo de direita. As demais interações envolvendo o autoritarismo de direita não foram significativas.

Em relação ao autoritarismo de esquerda, foi identificada uma interação significativa na predição das crenças conspiratórias de esquerda ($\beta = -0,06$; $p < 0,05$), sugerindo que níveis mais elevados desse tipo de autoritarismo reduzem o impacto da anomia sobre a adesão a crenças conspiratórias associadas à esquerda. As demais interações envolvendo o autoritarismo de esquerda não foram estatisticamente significativas.

Discussão Estudo 2

O presente estudo teve como objetivo testar o papel mediador da anomia na relação entre representações de desigualdade econômica e crenças conspiratórias, além de avaliar se o autoritarismo moderaria o efeito da anomia sobre diferentes tipos de crenças conspiratórias. Os resultados revelam um padrão diferente do observado na literatura, indicando que o contexto brasileiro modifica essas dinâmicas.

Os resultados mostraram uma associação significativa entre a percepção de desigualdade econômica e a anomia, indicando que os indivíduos que percebem maiores níveis de desigualdade tendem a perceber menor desintegração social e enfraquecimento das relações sociais. Embora pesquisas anteriores sugiram que a desigualdade elevada tende a aumentar as percepções de desordem e de colapso institucional (Casara et al. 2022b; Zeng et al., 2024), esse resultado pode ser interpretado no contexto brasileiro, marcado historicamente pela naturalização da desigualdade (Costa, 2010). Nesse cenário, a desigualdade é frequentemente percebida como parte natural da ordem social, contribuindo para o

enfraquecimento do tecido social, sem, de forma direta, gerar a sensação de colapso institucional.

Esse resultado pode ser visto também a partir da Teoria da Justificação de Sistema (Jost & Banaji, 1994), segundo a qual as pessoas são motivadas a manter a percepção de que a ordem social é legítima, apesar das injustiças. Dessa forma, desigualdades tendem a ser reinterpretadas como resultado de mérito individual ou como expressão de hierarquias consideradas necessárias, diminuindo a leitura da desigualdade como uma falha do sistema político. Evidências experimentais corroboram esse mecanismo. Silva e Pereira (2023) demonstraram que, quando expostos a informações que ameaçam o sistema político e econômico brasileiro, indivíduos exibem níveis mais elevados de justificação do sistema, reinterpretando sinais de colapso como menos graves ou mais justificáveis. Assim, a percepção de desigualdade pode coexistir com sentimentos de desorganização social e incerteza normativa, sem gerar uma percepção de colapso institucional.

Também é importante considerar que o instrumento utilizado neste estudo para avaliar a desigualdade econômica é diferente das medidas utilizadas em pesquisas internacionais. A medida adotada foi construída de forma mais sensível às especificidades do contexto brasileiro. Ao utilizar o instrumento, é possível que o estudo tenha captado aspectos da percepção de desigualdade que não são contemplados por outras escalas. Isso indica que a relação entre desigualdade econômica com as demais variáveis pode variar entre contextos, dependendo de como a desigualdade é vivida.

Além disso, os resultados indicaram que a anomia exerce efeitos distintos sobre as crenças conspiratórias, a depender da orientação ideológica. De um lado, níveis mais elevados de anomia associaram-se positivamente às crenças conspiratórias gerais e às crenças conspiratórias de direita. Esse padrão sugere que a desorganização social e a ausência

percebida de normas claras favorecem narrativas conspiratórias amplas ou alinhadas a visões que ressaltam ameaça e perda de ordem normativa. Essas narrativas oferecem explicações simplificadas e moralmente estruturadas para contextos percebidos como caóticos, funcionando como respostas à incerteza social.

Esse resultado pode ser interpretado com base na perspectiva do conservadorismo político como cognição social motivada. Jost et al. (2003) mostram que indivíduos com orientação conservadora ou de direita tendem a apresentar maior sensibilidade à ameaça e maior necessidade de fechamento cognitivo e de ordem. Assim, a anomia pode representar uma ameaça para esse grupo, pois está diretamente ligada à ruptura normativa.

Diante da percepção de caos social, as teorias da conspiração desempenham uma função de controle compensatório (Noordewier & Rutjens, 2021) e satisfazem motivações epistêmicas (Douglas et al., 2017). De acordo com Van Prooijen e Jostmann (2013), em situações de elevada incerteza, os indivíduos utilizam a percepção de moralidade das autoridades como uma âncora para julgar a plausibilidade de teorias da conspiração, buscando reduzir o desconforto psicológico e dar sentido a eventos complexos.

Por outro lado, a anomia teve efeito negativo sobre as crenças conspiratórias de esquerda, indicando que níveis mais elevados de desintegração social parecem reduzir a adesão a esse tipo específico de narrativa. Esse resultado pode ser melhor compreendido por meio de Merton (1951). Segundo o autor, uma das respostas possíveis à tensão anômica é o retraimento, caracterizado pelo abandono simultâneo das metas culturais e dos meios institucionais.

Neste cenário, a anomia não atua como fator determinante de uma conspiração, mas induz a um estado de apatia e isolamento. O indivíduo, desconectado do tecido social, tende a se desengajar da esfera política e ideológica, reduzindo a probabilidade de adesão a narrativas

complexas sobre estruturas de poder resultando em desmobilização em vez de radicalização. Conforme proposto por Srole (1956), essa percepção pode gerar um fatalismo político, em que o indivíduo sente que nada faz diferença. Assim, a validação desse tipo de crença parece depender, em maior parte, de engajamento e integração social (Van Prooijen et al., 2015), a anomia pode atuar como um fator de desmobilização e impedir que essa desconfiança incentive a crença em conspirações.

Jolley e Douglas (2014b) mostram que a exposição a teorias conspiratórias tende a aumentar sentimento de impotência e reduzir o engajamento político. No presente estudo, a anomia parece funcionar como um estado psicológico parecido, no qual indivíduos passam a rejeitar não apenas instituições formais, mas também narrativas políticas específicas que dependem da confiança em atores políticos.

A percepção de desigualdade econômica não apresentou efeitos diretos significativos sobre as crenças conspiratórias gerais ou de direita, mas exerceu um efeito direto positivo sobre as crenças conspiratórias de esquerda. Esse padrão sugere que narrativas conspiratórias associadas à esquerda são particularmente sensíveis à percepção de desigualdade econômica, uma vez que frequentemente enfatizam exploração, abuso de poder e injustiça estrutural como elementos centrais de suas explicações. Esse fato é coerente com evidências de que diferentes orientações ideológicas respondem a fontes distintas de ameaça percebida, ou seja, enquanto a esquerda tende a reagir mais fortemente a desigualdades materiais, a direita responde de forma mais intensa a transgressões da ordem normativa e moral (Nilsson, 2024).

A anomia atua como um mecanismo mediador na relação entre desigualdade econômica e crenças conspiratórias. No entanto, esse processo não ocorre de forma uniforme. A desigualdade econômica influenciou indiretamente as crenças conspiratórias gerais e de direita por meio do aumento da anomia, enquanto, no caso das crenças conspiratórias de

esquerda, a mediação ocorreu em direção negativa. Esse resultado sugere que, no contexto brasileiro, a anomia não estimula a contestação política. Pelo contrário, ela parece estar mais ligada a um estado de desmobilização, que enfraquece a adesão a narrativas conspiratórias que exigem maior engajamento político.

Por fim, o autoritarismo modera de formas diferentes os efeitos da anomia sobre as crenças conspiratórias. Em particular, o autoritarismo de esquerda e direita reduziram o impacto da anomia sobre as crenças conspiratórias de esquerda. Enquanto o autoritarismo de direita, que costuma se basear na defesa de normas tradicionais e da ordem estabelecida, o autoritarismo de esquerda se apoia em valores ideológicos mais amplos e na intenção de questionar o sistema (Nilsson, 2024). Pessoas muito socializadas em ideologias de esquerda tendem a internalizar essas ideias de forma mais rígida (Pop-Eleches & Tucker, 2019). Assim, quando vivenciam desorganização social, podem não sentir necessidade de recorrer a teorias da conspiração, pois sua própria ideologia já oferece uma explicação para os problemas das instituições.

O Modelo de Ajuste Normativo Autoritário (Conway et al., 2021) contribui para compreender essa dinâmica ao mostrar que indivíduos com predisposições autoritárias ajustam suas respostas cognitivas às normas ideológicas do grupo ao qual pertencem. Assim, quando as crenças conspiratórias entram em conflito com valores, como justiça social ou defesa da ciência, o autoritarismo pode atuar como um fator inibitório, limitando seu efeito na relação entre anomia em adesão conspiratória. Essa interpretação dialoga ainda com Van Prooijen et al. (2015), segundo o qual a propensão ao pensamento conspiratório depende menos da posição ideológica em si e mais da compatibilidade entre o conteúdo da narrativa conspiratória e a visão de mundo do grupo.

Em conjunto, os resultados indicam que, no contexto brasileiro, a desigualdade

econômica, a anomia e o autoritarismo interagem de forma não linear para moldar as crenças conspiratórias. A anomia surge como um fator psicológico, mas com efeitos diferentes, pois enquanto favorece crenças conspiratórias gerais e de direita, tende a reduzir a adesão a conspirações de esquerda, principalmente quando combinada a predisposições autoritárias específicas. Esses achados reforçam a importância de considerar processos de justificação do sistema e desmobilização política para compreender a adesão a crenças conspiratórias em sociedades marcadas pela desigualdade.

Apesar de oferecer uma nova visão sobre a relação entre desigualdade, anomia, autoritarismo e crenças conspiratórias no contexto brasileiro, esta pesquisa apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Em primeiro lugar, o uso de medidas de autorrelato pode ter influenciado as respostas dos participantes, uma vez que esse tipo de instrumento está sujeito a vieses como a desejabilidade social. Tais vieses são relevantes em variáveis como crenças conspiratórias, pois os respondentes podem minimizar ou justificar suas respostas para torná-las socialmente aceitáveis.

Outra limitação refere-se à amostra, que pode não representar a diversidade social e política da população brasileira. A forma como a desigualdade é percebida e como a anomia é vivenciada pode variar significativamente entre diferentes grupos sociais, e essas diferenças podem não ter sido totalmente captadas. Além disso, embora o estudo considere diferentes tipos de crenças conspiratórias, as escalas utilizadas apresentam limitações, especialmente na distinção entre crenças conspiratórias de caráter ideológico e uma tendência conspiratória mais geral. Por fim, o modelo teórico proposto não contempla outras variáveis que podem ser relevantes nessa relação, como cinismo político, confiança interpessoal e moralidade, o que restringe uma compreensão mais detalhada dos processos psicológicos envolvidos.

Apesar dessas limitações, o estudo oferece contribuições teóricas e empíricas

significativas. Em primeiro lugar, ao investigar esses constructos, o trabalho avança na compreensão de fenômenos que geralmente são estudados isoladamente. Os achados contribuem ao mostrar que a relação entre anomia e crenças conspiratórias não é igual em todos os países, mas depende da trajetória social e histórica de cada contexto, especialmente em sociedades onde a desigualdade estrutural é amplamente aceita como parte da realidade.

Discussão Geral

A presente dissertação teve como objetivo central investigar a adesão a crenças conspiratórias no contexto brasileiro, articulando com as variáveis de desigualdade econômica, anomia e autoritarismo. Para tanto, foram conduzidos dois estudos. O primeiro voltado à adaptação e teste de validade da *Perception of Anomie Scale* (PAS) para o português brasileiro, e o segundo à testagem de um modelo explicativo que investiga a anomia como mediador entre desigualdade percebida e crenças conspiratórias e o autoritarismo como moderador entre anomia e crenças conspiratórias. Em conjunto, os resultados oferecem contribuições relevantes.

O Estudo 1 foi essencial para confirmar que a escala PAS pode ser utilizada de forma adequada no contexto brasileiro. Os resultados mostraram que a escala apresenta dois fatores, conforme proposto originalmente por Teymoori et al. (2016). No entanto, alguns ajustes foram necessários. Isso sugere que, no Brasil, percepções sobre política institucional e relações sociais tendem a se misturar de forma diferente do que ocorre em outros países. Esse resultado destaca a importância de considerar o contexto cultural na adaptação de instrumentos psicológicos, principalmente quando envolvem avaliações sobre normas sociais e política, que são fortemente influenciadas pela história e pelas instituições de cada país.

Além da validade estrutural, o Estudo 1 forneceu evidências de validade convergente da PAS. A associação positiva entre anomia e crenças conspiratórias confirma que a

percepção de desordem social está ligada à busca por explicações alternativas sobre eventos sociais. Esse padrão é consistente com a literatura que entende tanto a anomia quanto o conspiracionismo como respostas psicológicas à incerteza, à perda de previsibilidade e à menor confiança institucional (Grzesiak-Feldman & Irzycka, 2009; Teymoori et al., 2017). Ao mesmo tempo, a ausência de correlações fortes entre anomia e comportamentos antissociais ou delitivos reforça a compreensão de que a anomia não é um preditor direto de condutas desviantes, pode depender de fatores mediadores como valores e suporte institucional.

A correlação negativa entre anomia e autoritarismo de esquerda observada no Estudo 1 sugere que algumas orientações ideológicas, mesmo quando apresentam traços autoritários, podem oferecer um conjunto de normas e valores que ajudam a organizar a forma como as pessoas percebem a sociedade. Com isso, essas orientações tendem a reduzir a sensação de desordem ou colapso social. Esse resultado indica que os efeitos psicológicos do autoritarismo dependem do tipo de valores e normas que cada orientação ideológica busca defender.

O Estudo 2 aprofundou essas relações ao testar um modelo mais complexo, no qual a anomia atua como mediadora entre desigualdade econômica e crenças conspiratórias, além de ter o efeito moderador do autoritarismo. Os resultados indicaram que a percepção de desigualdade econômica está associada a diminuição da anomia, indo em direção contrária a literatura.

Esse resultado pode ser compreendido pela naturalização da desigualdade no Brasil (Costa, 2010), sendo interpretado a partir da Teoria da Justificação do Sistema (Jost & Banaji, 1994), segundo a qual indivíduos tendem a legitimar a ordem vigente ao reinterpretar desigualdades como resultado de mérito ou hierarquias necessárias, mecanismo já observado em estudos experimentais feitos no Brasil (Silva & Pereira, 2023).

No que se refere às crenças conspiratórias, os resultados do Estudo 2 mostraram um padrão diferente. A anomia associou-se positivamente às crenças conspiratórias gerais e de direita, sugerindo que a desorganização normativa e a percepção de perda de ordem social favorecem narrativas que enfatizam ameaça, corrupção e transgressão moral. Essas narrativas oferecem explicações simplificadas e moralmente estruturadas para contextos percebidos como caóticos, funcionando como respostas psicológicas à incerteza.

Em outra perspectiva, a anomia apresentou um efeito negativo sobre as crenças conspiratórias de esquerda. A anomia parece reduzir o engajamento político para sustentar narrativas conspiratórias de esquerda, que frequentemente exigem maior senso de eficácia coletiva (Van Prooijen et al., 2015). Essa interpretação é reforçada por evidências de que a anomia está associada à sensação de impotência e afastamento da esfera pública (Jolley & Douglas, 2014b; Srole, 1956).

Por fim, o papel moderador do autoritarismo revelou que as predisposições autoritárias não atuam de forma homogênea. O Modelo de Ajuste Normativo Autoritário (Conway et al., 2021) ajuda a compreender esse padrão ao mostrar que indivíduos autoritários tendem a alinhar suas cognições às normas do grupo ao qual pertencem, inibindo a adesão a narrativas conspiratórias que entrem em conflito com esses valores.

Considerações Finais

A distinção entre crenças conspiratórias gerais, de direita e de esquerda, juntamente com a análise do autoritarismo em suas diferentes formas, permitiu avançar além de explicações que tratam o conspiracionismo como um fenômeno único. Os resultados mostram que características autoritárias podem reduzir a adesão a teorias conspiratórias, dependendo do alinhamento entre os valores do indivíduo e o tipo de narrativa conspiratória. Isso destaca a importância do posicionamento ideológico na construção e manutenção das crenças políticas.

De modo geral, esta dissertação contribui ao mostrar que os efeitos das representações de desigualdade econômica e da anomia variam conforme o contexto social. No caso brasileiro, onde a desigualdade é historicamente naturalizada, a percepção de injustiça pode coexistir com a aceitação da ordem social. Esse cenário tende a gerar sentimentos de desorganização e afastamento da vida política, sem necessariamente levar a formas estruturadas de contestação institucional. Esses resultados reforçam a importância de considerar o contexto cultural e histórico na compreensão de fenômenos como a anomia e as crenças conspiratórias.

Por fim, espera-se que este estudo sirva de base para pesquisas futuras que aprofundem os processos discutidos, principalmente por meio de estudos longitudinais e experimentais. Além disso, os achados podem contribuir para reflexões aplicadas em áreas como educação política e comunicação pública.

Referências

- Aiken, L. R. (1985). Three coefficients for analyzing the reliability and validity of ratings. *Educational and Psychological Measurement*, 45(1), 131–142. <https://doi.org/10.1177/0013164485451012>
- Adam-Troian, J., Bonetto, E., Araujo, M., Baidada, O., Dono Martin, M., Celebi, E., Eadeh, F., Godefroidt, A., Halabi, S., Mahfud, Y., Varet, F., & Yurtbakan, T. (2020). Positive associations between anomia and intentions to engage in political violence: Cross-cultural evidence from four countries. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 26(2), 217–223. <https://doi.org/10.1037/pac0000385>
- Adamus, M., Chayinska, M., Šrol, J., Adam-Troian, J., Ballová Mikušková, E., & Teličák, P. (2025). All you'll feel is doom and gloom: Multiple perspectives on the associations between economic anxiety and conspiracy beliefs. *Political Psychology*, 46(6), 1638–1653. <https://doi.org/10.1111/pops.70003>

- Alba, G. D. R., Muller, A. N., Arnhold, C., Kieling, A., & Casalinho, G. D. O. (2018). A Relação entre Extremismo Político, Ilusão de Conhecimento e Crenças Conspiratórias e seus Impactos nos Eleitores de Três Municípios do Rio Grande do Sul. *Revista de Administração IMED*, 8(2), 23. <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2018.v8i2.2534>
- Asparouhov, T., & Muthen, B. (2010). Simple second order chi-square correction. Unpublished manuscript. Available at https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf.
- Bocchi, J. C. (2021). Anomia e Hipocondria nas Relações entre Corpo, Saúde E O Sofrimento Na Contemporaneidade. *Sofia*, 9(2), 185–200. <https://doi.org/10.47456/sofia.v9i2.32443>
- Bornand, T., & Klein, O. (2022). Political Trust by Individuals of low Socioeconomic Status: The Key Role of Anomie. *Social Psychological Bulletin*, 17, e6897. <https://doi.org/10.32872/spb.6897>
- Bravo, E. (2019, julho 20). *Verdadeiro ou falso? 13 teorias conspiratórias em que muita gente acredita*. El país. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/15/actualidad/1563182296_849004.html
- Brotherton, R., French, C. C., & Pickering, A. D. (2013). Measuring Belief in Conspiracy Theories: The Generic Conspiracist Beliefs Scale. *Frontiers in Psychology*, 4. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00279>
- Byford, J. (2014). Beyond belief: The social psychology of conspiracy theories and the study of ideology. In C. Antaki & S. Condor (Eds.), *Rhetoric, ideology and social psychology: Essays in honour of Michael Billig*. Routledge. https://oro.open.ac.uk/39494/1/Byford_conspiracy%20theories.pdf
- Casara, B. G. S., Filippi, S., Suitne, C., Dollani, E., & Maass, A. (2022a). Tax the elites! The role of economic inequality and conspiracy beliefs on attitudes towards taxes and

- redistribution intentions. *British Journal of Social Psychology*, 62(1), 104–118.
<https://doi.org/10.1111/bjso.12555>
- Casara, B. G. S., Suitner, C., & Jetten, J. (2022b). The impact of economic inequality on conspiracy beliefs. *Journal of Experimental Social Psychology*, 98, 104245.
<https://doi.org/10.1016/j.jesp.2021.104245>
- Cheung, F., & Lucas, R. E. (2016). Income inequality is associated with stronger social comparison effects: The effect of relative income on life satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 110(2), 332–341.
<https://doi.org/10.1037/pspp0000059>
- Cinelli, M., Etta, G., Avalue, M., Quattrocioni, A., Di Marco, N., Valensise, C., Galeazzi, A., & Quattrocioni, W. (2022). Conspiracy theories and social media platforms. *Current Opinion in Psychology*, 47, 101407.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101407>
- Conway, L. G., McFarland, J. D., Costello, T. H., & Lilienfeld, S. O. (2021). The curious case of left-wing authoritarianism: When authoritarian persons meet anti-authoritarian norms. *Journal of Theoretical Social Psychology*, 5(4), 423–442.
<https://doi.org/10.1002/jts5.108>
- Cookson, D., Jolley, D., Dempsey, R. C., & Povey, R. (2021). “If they believe, then so shall I”: Perceived beliefs of the in-group predict conspiracy theory belief. *Group Processes & Intergroup Relations*, 24(5), 759–782. <https://doi.org/10.1177/1368430221993907>
- Costa, L. C. S., & Silveira, É. L. (2018). Bolsonaro: Anatomia do autoritarismo. In É. L. da Silveira (Ed.), *Os efeitos do autoritarismo: Práticas, silenciamentos e resistência (im)possíveis*. Pimenta Cultural.
<https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2018.945.13-35>
- Costa, M. da S. (2010). Trabalho informal: Um problema estrutural básico no entendimento

- das desigualdades na sociedade brasileira. *Caderno CRH*, 23(58), 171–190.
<https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000100011>
- Costello, T., Bowes, S. M., Stevens, S. T., Waldman, I. D., Tasimi, A., & Lilienfeld, S. O. (2022). Clarifying the structure and nature of left-wing authoritarianism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 122(1), 135–170.
<https://doi.org/10.1037/pspp0000341>
- Costello, T. H., & Patrick, C. J. (2023). Development and initial validation of two brief measures of left-wing authoritarianism: A machine learning approach. *Journal of Personality Assessment*, 105(2), 187–202.
<https://doi.org/10.1080/00223891.2022.2081809>
- De Albuquerque, A., & Quinan, R. (2019). Crise epistemológica e teorias da conspiração: O discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. *Revista Mídia e Cotidiano*, 13(3), 83–104. <https://doi.org/10.22409/rmc.v13i3.38088>
- Dos Reis, M. I. C. S., Rabelo, A., Pilati, R., Franco, V. R., De Almeida, M. F., Iturri-Angulo, N., & Rebouças, T. C. J. (2024). “They don’t want you to know the truth”: Evaluating predictors of beliefs in conspiracy theories. *Applied Cognitive Psychology*, 38(1), e4161. <https://doi.org/10.1002/acp.4161>
- Douglas, K. M., Sutton, R. M., & Cichocka, A. (2017). The Psychology of Conspiracy Theories. *Current Directions in Psychological Science*, 26(6), 538-542.
<https://doi.org/10.1177/0963721417718261>
- Dow, B. J., Menon, T., Wang, C. S., & Whitson, J. A. (2022). Sense of control and conspiracy perceptions: Generative directions on a well-worn path. *Current Opinion in Psychology*, 47, 101389. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101389>
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio* (1º ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado 1897)
- Enders, A. M., & Smallpage, S. M. (2019). Informational Cues, Partisan-Motivated

- Reasoning, and the Manipulation of Conspiracy Beliefs. *Political Communication*, 36(1), 83–102. <https://doi.org/10.1080/10584609.2018.1493006>
- Feldman, S., & Stenner, K. (1997). Perceived Threat and Authoritarianism. *Political Psychology*, 18(4), 741–770. <https://doi.org/10.1111/0162-895X.00077>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78 (5), 762-780. <https://doi.org/10.1177/0013164417719308>
- Ferreira, A., & Galvão, W. (2023, janeiro 8). *Terroristas bolsonaristas invadem Congresso Nacional, Palácio do Planalto e STF, em Brasília*. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/bolsonaristas-radicais-entram-em-confronto-com-a-policia-na-esplanada-e-sobem-rampa-do-congresso-nacional-em-brasilia.ghtml>
- Formiga, N. S. (2013). Sentimento anômico e condutas antissociais e delitivas: verificação de um modelo causal em jovens brasileiros. *Liberabit*, 19(1), 33-44. http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272013000100004&lng=es&tlng=pt.
- Fragoso, S. (2023). Teorias da conspiração no Brasil: Apontamentos a partir de observações no Telegram. *Comunicação & Informação*, 26, 363–377. <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/76843>
- Fromm, E. (1941). *Escape from freedom*. Farrar & Rinehart.
- Galli, L. M., & Modesto, J. G. (2021). A Influência das Crenças Conspiratórias e Orientação Política na Vacinação. *Revista de Psicologia da IMED*, 13(1), 179. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.4491>
- Goertzel, T. (1994). Belief in Conspiracy Theories. *Political Psychology*, 15(4), 731-742. <https://doi.org/10.2307/3791630>

- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Pimentel, C. E., Diniz, P. K. C., & Fonseca, P. N. da .. (2009). Questionário de comportamentos anti-sociais e delitivos: evidências psicométricas de uma versão reduzida. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 22(1), 20–28.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100004>
- Grimes, D. (2025, setembro 14). *A história do movimento antivacina no mundo, que repete mesmos argumentos há séculos*.
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cddm9vvdgj0o>
- Grzesiak-Feldman, M. (2015). Are the high authoritarians more prone to adopt conspiracy theories? The role of right-wing authoritarianism in conspiratorial thinking. In M. Bilewicz, A. Cichocka, & W. Soral (Eds.), *The psychology of conspiracy*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- Grzesiak-Feldman, M., & Irzycka, M. (2009). Right-Wing Authoritarianism and Conspiracy Thinking in a Polish Sample. *Psychological Reports*, 105(2), 389–393.
<https://doi.org/10.2466/PR0.105.2.389-393>
- Henshall, A. (2024, junho 28). *Protestos no Quênia: Como geração Z forçou presidente a recuar*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cljy8d1jw6ro>
- Hofstadter, R. (1996). *The paranoid style in American politics*. Harvard University Press.
- Imhoff, R., & Bruder, M. (2014). Speaking (Un-)Truth to Power: Conspiracy Mentality as A Generalised Political Attitude. *European Journal of Personality*, 28(1), 25–43.
<https://doi.org/10.1002/per.1930>
- Imhoff, R., & Lamberty, P. K. (2017). Too special to be duped: Need for uniqueness motivates conspiracy beliefs. *European Journal of Social Psychology*, 47(6), 724–734.
<https://doi.org/10.1002/ejsp.2265>
- International Test Commission. (2017). The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests (2nd ed.). <https://www.intestcom.org/>

- Jetten, J., Peters, K., & Casara, B. G. S. (2022). Economic inequality and conspiracy theories. *Current Opinion in Psychology, 47*, 101358.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101358>
- Jolley, D., & Douglas, K. M. (2014a). The Effects of Anti-Vaccine Conspiracy Theories on Vaccination Intentions. *PLoS ONE, 9*(2), e89177.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0089177>
- Jolley, D., & Douglas, K. M. (2014b). The social consequences of conspiracism: Exposure to conspiracy theories decreases intentions to engage in politics and to reduce one's carbon footprint. *British Journal of Psychology, 105*(1), 35–56.
<https://doi.org/10.1111/bjop.12018>
- Jost, J. T., & Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology, 33*.
<https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01008.x>
- Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin, 129*(3), 339–375.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.339>
- Kalil, I., Silveira, S. C., Pinheiro, W., Kalil, Á., Pereira, J. V., Azarias, W., & Amparo, A. B. (2021). Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19. *Global Discourse, 11*(3), 409–425. <https://doi.org/10.1332/204378921X16193452552605>
- Konty, M. (2005). Microanomie: The Cognitive Foundations of the Relationship Between Anomie And Deviance. *Criminology, 43*(1), 107-132. <https://doi.org/10.1111/j.0011-1348.2005.00004.x>
- Lima, M. E. O., Almeida, J. N. de, & França, D. X. de. (2022). O surgimento de líderes autoritários: Significados das posições direita-esquerda e sentimento de anomia. *Revista de Psicologia Política, 22*(54), 449-466.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2022000200011

- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P.J. (2019c). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. Technical report, URV. Tarragona, Spain.
- MacCann, C., Ziegler, M., & Roberts, R. D. (2011). Faking in personality assessment: Reflections and recommendations. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195387476.003.0087>
- Mao, J.-Y., Van Prooijen, J.-W., & Van Lange, P. A. M. (2024). Conspiracy Theories: Groups, Ideology, and Status as Three Distinct Bases for Expressions in Society. *Current Directions in Psychological Science*, 33(6), 385–391. <https://doi.org/10.1177/09637214241280742>
- Matsunaga, L. H., Pereira, J. J. D. S., Oliveira, A. N. D., & Pedra, A. C. (2019). A verdade está lá fora: Adaptação e avaliação das propriedades psicométricas da Escala Genérica de Crenças Conspiratórias (EGCC-Br). *Psicologia Revista*, 28(2), 253–271. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i2p253-271>
- Merton, R. K. (1951). *Social Theory and Social Structure*. Claremont School of Theology.
- Miller, J. M. (2020). Do COVID-19 Conspiracy Theory Beliefs Form a Monological Belief System? *Canadian Journal of Political Science*, 1–8. <https://doi.org/10.1017/S0008423920000517>
- Miller, J. M., Saunders, K. L., & Farhart, C. E. (2016). Conspiracy Endorsement as Motivated Reasoning: The Moderating Roles of Political Knowledge and Trust. *American Journal of Political Science*, 60(4), 824–844. <https://doi.org/10.1111/ajps.12234>
- Nilsson, A. (2024). Antidemocratic tendencies on the left, the right, and beyond: A critical review of the theory and measurement of left-wing authoritarianism. *Political*

- Psychology*, 45(4), 693–708. <https://doi.org/10.1111/pops.12951>
- Noordewier, M. K., & Rutjens, B. T. (2021). Personal need for structure shapes the perceived impact of reduced personal control. *Personality and Individual Differences*, 170, 110478. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110478>
- Oliveira, F. M. D. (2023). Desigualdade social: Uma trajetória de insistência no Brasil. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 16(7), 6750–6766. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.7-151>
- Pop-Eleches, G., & Tucker, J. A. (2020). Communist Legacies and Left-Authoritarianism. *Comparative Political Studies*, 53(12), 1861–1889. <https://doi.org/10.1177/0010414019879954>
- Rezende, A. T., Cavalcanti, T. M., Gouveia, V. V., Coelho, G. L. de H., & Loureto, G. D. L. (2021a). Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC): Desenvolvimento e Evidências Psicométricas. *Avaliação Psicológica*, 20(2), 127-138. <https://doi.org/10.15689/ap.2021.2002.16198.01>
- Rezende, A. T., Gouveia, V. V., & Moizéis, H. B. C. (2021b). Crenças em Teorias da Conspiração: Uma aproximação desde a Psicologia Social. *Interação em Psicologia*, 25(1). <https://doi.org/10.5380/riep.v25i1.61173>
- Rezende, A. T., Silva, F. M. D. S., Ribeiro, M. G. C., Loureto, G. D. L., Silva Neta, O. F. D., & Gouveia, V. V. (2019). Teorias da conspiração: Significados em contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, e180010. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180010>
- Ribeiro, G. D. M., & Modesto, J. G. N. (2023). O efeito da polarização política na crença em notícias falsas. *Interação em Psicologia*, 27(2). <https://doi.org/10.5380/riep.v27i2.87080>
- Roazzi, A., Dias, M. D. G., & Roazzi, M. (2006). A representação da desigualdade econômica

- em crianças e adolescentes de nível socioeconômico diferentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 515–525. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300021>
- Rosseel, Y. (2012). “lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling.” *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1–36. <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i02>
- Sánchez-Rodríguez, Á., Willis, G. B., Jetten, J., & Rodríguez-Bailón, R. (2019). Economic inequality enhances inferences that the normative climate is individualistic and competitive. *European Journal of Social Psychology*, 49(6), 1114–1127. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2557>
- Sassi, C. (2021, março 12). *Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres#:~:text=O%20Tribunal%20de%20Contas%20da,o%20Fisco%20agora%20em%202021.>
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.
- Seisdedos Cubero, N. (2001). *Cuestionario de Conductas Antisociales-Delictivas (A-D)* (P. Sánchez Escobedo, Adapt.). Editorial El Manual Moderno.
- Silva, M. G. D., & Rodrigues, T. C. M. (2021). O Populismo de direita no Brasil: Neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 26(1), 86. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2021v26n1p86>
- Silva, W. A. D., & Pereira, C. R. (2023). Do people see the way things are as they should be? Measuring the individual differences in system justification. *Current Psychology*, 42(21), 17805–17824. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-02992-5>
- Sonjusun, G. S. (2025). *The role of anomie in the link between perceptions of inequality, social comparisons, relationship satisfaction and commitment* [Tese de Bacharelado, Universidade de Akureyri].

- Srole, L. (1956). Social Integration and Certain Corollaries: An Exploratory Study. *American Sociological Review*, 21(6), 709. <https://doi.org/10.2307/2088422>
- Swami, V., Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2010). Unanswered questions: A preliminary investigation of personality and individual difference predictors of 9/11 conspiracist beliefs. *Applied Cognitive Psychology*, 24(6), 749–761. <https://doi.org/10.1002/acp.1583>
- Swami, V., Coles, R., Stieger, S., Pietschnig, J., Furnham, A., Rehim, S., & Voracek, M. (2011). Conspiracist ideation in Britain and Austria: Evidence of a monological belief system and associations between individual psychological differences and real-world and fictitious conspiracy theories. *British Journal of Psychology*, 102(3), 443–463. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8295.2010.02004.x>
- Teymoori, A., Bastian, B., & Jetten, J. (2017). Towards a Psychological Analysis of Anomie. *Political Psychology*, 38(6), 1009–1023. <https://doi.org/10.1111/pops.12377>
- Teymoori, A., Jetten, J., Bastian, B., Ariyanto, A., Autin, F., Ayub, N., Badea, C., Besta, T., Butera, F., Costa-Lopes, R., Cui, L., Fantini, C., Finchilescu, G., Gaertner, L., Gollwitzer, M., Gómez, Á., González, R., Hong, Y. Y., Jensen, D. H., ... Wohl, M. (2016). Revisiting the Measurement of Anomie. *PLOS ONE*, 11(7), e0158370. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0158370>
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Tingley D, Yamamoto T, Hirose K, Keele L, Imai K (2014). “mediation: R Package for Causal Mediation Analysis.” *Journal of Statistical Software*, 59(5), 1–38. <https://www.jstatsoft.org/v59/i05/>.
- Tomé, N. (2024). *Desigualdade econômica: Construção e validação de medida para*

- avaliação da representação da desigualdade (ERDE)* [Dissertação]. Universidade de Brasília.
- Tortella, T. (2022, janeiro 6). *Invasão do Capitólio completa um ano: Relembre o ataque à democracia dos EUA*. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>
- Valtorta, R. R., Vezzoli, M., Mari, S., Durante, F., & Volpato, C. (2024). Measuring Subjective Inequality: Development and Validation of the Perceived Economic Inequality Scale (PEIS). *The Spanish Journal of Psychology*, 27, e2. <https://doi.org/10.1017/SJP.2024.4>
- Van Prooijen, J., & Jostmann, N. B. (2013). Belief in conspiracy theories: The influence of uncertainty and perceived morality. *European Journal of Social Psychology*, 43(1), 109–115. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1922>
- Van Prooijen, J.-W., Krouwel, A. P. M., & Pollet, T. V. (2015). Political Extremism Predicts Belief in Conspiracy Theories. *Social Psychological and Personality Science*, 6(5), 570–578. <https://doi.org/10.1177/1948550614567356>
- Vezzoli, M., Mari, S., Valtorta, R. R., & Volpato, C. (2023). *The impacts of COVID-19 on the relationship between perceived economic inequality and political action among socioeconomic classes*. 5, 1–15. <https://doi.org/10.3389/fpos.2023.990847>
- Vilanova, F., Sousa, D. A., Koler, S. H., & Costa, A. B. (2018). Adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da escala Right-Wing Authoritarianism. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1299–1316. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-07Pt>
- Wickham H, Averick M, Bryan J, Chang W, McGowan LD, François R, Grolemund G, Hayes A, Henry L, Hester J, Kuhn M, Pedersen TL, Miller E, Bache SM, Müller K, Ooms J, Robinson D, Seidel DP, Spinu V, Takahashi K, Vaughan D, Wilke C, Woo K, Yutani H (2019). “Welcome to the tidyverse.” *Journal of Open Source Software*, 4(43),

1686. doi:10.21105/joss.01686.

Wickham H, François R, Henry L, Müller K, Vaughan D (2023). dplyr: A Grammar of Data Manipulation. R package version 1.1.4, <https://github.com/tidyverse/dplyr>, <https://dplyr.tidyverse.org>

Wu, A. D., & Zumbo, B. D. (2017). Using Pratt's Importance Measures in Confirmatory Factor Analyses. *Journal of Modern Applied Statistical Methods*, 16(2), 81-98.

<https://doi.org/10.56801/10.56801/v16.i.928>

Zeng, Z., Tian, C., Mao, J., Van Prooijen, J., Zhang, Y., Yang, S., Xie, X., & Guo, Y. (2024). How does economic inequality shape conspiracy theories? Empirical evidence from China. *British Journal of Social Psychology*, 63(2), 477–498.

<https://doi.org/10.1111/bjso.12689>

Zhai, Y., & Yan, Z. (2023). Political Ideology, Ingroup Favoritism, and Conspiratorial Thinking: Patriotism, Nationalism, and COVID-19 Conspiracy Theories. *Psychological Reports*, 126(4), 1784–1802.

<https://doi.org/10.1177/003329412211079727>

Anexos

Anexo A

Escala de Percepção de Anomia

Pense na sociedade brasileira e indique até que ponto você concorda com as seguintes afirmações. Considere: 1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo muito; 3 = Discordo um pouco; 4 = Nem concordo nem discordo; 5 = Concordo um pouco; ; 6 = Concordo muito; e 7 = Concordo totalmente

1. Todos pensam em si mesmos/mesmas e não ajudam aqueles/aquelas que precisam de ajuda.
2. O governo é legítimo.
3. Os políticos não se importam com os problemas de pessoas comuns.
4. As pessoas acham que não existem princípios morais claros a serem seguidos.
5. Algumas leis não são justas.
6. O governo usa seu poder de forma legítima.
7. A maioria das pessoas acredita que, se algo funciona, não importa realmente se é certo ou errado.
8. As pessoas são cooperativas.
9. As leis e as políticas do governo são eficazes.
10. As pessoas não sabem em quem podem confiar e contar.
11. O governo trabalha para o bem-estar das pessoas.
12. A maioria das pessoas acredita que a honestidade não funciona o tempo todo e que, em algumas vezes, a desonestidade pode ser a melhor abordagem para ter sucesso.

Anexo B

Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD)

A seguir, estão listados alguns comportamentos que podem ocorrer no dia a dia. Por favor, indique com que frequência você realiza cada um deles. Considere: 1 = Nunca e 10 = Sempre.

1. Sair sem permissão (do trabalho, de casa ou do colégio).
2. Bagunçar ou assobiar em uma região, lugar público ou de trabalho.
3. Responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola ou na rua).
4. Dizer palavrões ou expressões pesadas.
5. Entrar em local proibido (jardim privado, casa vazia, etc).
6. Jogar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo).
7. Quebrar ou jogar no chão coisas dos outros.
8. Negar-se a fazer tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou em casa).
9. Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).
10. Trapacear (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc).
11. Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas.
12. Portar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário em uma briga.
13. Resistir a briga para escapar de um policial.
14. Entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes).
15. Planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor.
16. Pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.
17. Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerantes, telefones públicos, etc.
18. Roubar coisas em lugar público (trabalho ou colégio) com um valor de mais de R\$10,00.
19. Forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito ou mercearia.
20. Pertencer a uma turma que arma confusões, se mete em briga ou cria baderna.

Anexo C

Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC)

A seguir, você encontrará algumas afirmações. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda de cada uma delas, utilizando a escala abaixo. Considere que: 1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo muito; 3 = Nem concordo nem discordo; 4 = Concordo muito; e 5 = Concordo totalmente.

1. Experimentos envolvendo novas drogas e tecnologias são cotidianamente testados nas pessoas sem que elas saibam.
2. Experiências envolvendo novos medicamentos são realizados nos cidadãos sem seu consentimento.
3. Muita informação sobre doenças e tratamentos são escondidas dos cidadãos.
4. Alguns atos de violência são financiados pelo próprio Governo.
5. O Governo está secretamente envolvido na morte de pessoas inocentes e figuras públicas conhecidas.
6. As agências governamentais estão envolvidas no assassinato de figuras ilustres.
7. Grupos anônimos controlam a política mundial.
8. Um grupo secreto de pessoas é responsável por tomar todas as decisões mundiais importantes.
9. Alguns acontecimentos importantes têm sido o resultado da atividade de grupos que secretamente manipulam eventos mundiais.
10. Organizações secretas se comunicam com extraterrestres, mas mantêm esse fato em segredo.
11. Evidências de contato com alienígenas são escondidas dos cidadãos.
12. Missões espaciais são forjadas para que os cidadãos não descubram a existência de alienígenas.
13. O governo esconde da população geral muitos segredos importantes.
14. Muitas informações importantes são escondidas do público por interesses egoístas.
15. Muitas coisas importantes acontecem no mundo sem que as pessoas no geral saibam.

Anexo D

Escala de Autoritarismo de Esquerda

A seguir, você encontrará algumas afirmações. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda de cada uma delas, utilizando a escala abaixo. Considere que: 1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo muito; 3 = Nem concordo nem discordo; 4 = Concordo muito; e 5 = Concordo totalmente

1. Pessoas ricas deveriam ser destituídos de seus pertences e status.
2. O Brasil estaria muito melhor se os ricos estivessem na base da pirâmide social.
3. Quando o jogo virar contra os opressores no topo da sociedade, eu terei prazer em assisti-los sofrer a violência que eles infligiram em tantos outros.
4. Qualquer pessoa que se opõe ao casamento gay deve ser homofóbica.
5. Pessoas que realmente se preocupam com terrorismo deveriam mudar seu foco para os fanáticos de extrema-direita.
6. Valores morais radicais e progressistas podem salvar nossa sociedade.
7. Eu não consigo me imaginar me tornando amigo de um conservador político.
8. Discussões em sala de aula deveriam ser lugares seguros que protejam os alunos de ideias perturbadoras.
9. As autoridades universitárias estão certas em banir discursos de ódio nos campi.
10. Para ter sucesso, um local de trabalho deve garantir que seus funcionários se sintam protegidos de críticas.
11. Eu sou a favor de permitir que o governo derrube sites da internet de extrema-direita e blogs que promovam discursos de ódio absurdos.
12. Acabar com a desigualdade é mais importante do que proteger o suposto “direito” à liberdade de expressão.
13. Eu não apoio a censura de perspectivas sexistas, homofóbicas e racistas.

Anexo E

Avaliação de Conteúdo

Análise do conteúdo: Por favor, analise cuidadosamente cada um dos itens da primeira coluna e identifique a qual fator o item pertence, considere a definição dos fatores fornecidas acima. Na coluna “**Análise do conteúdo (dimensões)**” você deverá assinalar com um “**X**” no espaço da coluna referente ao fator de acordo com sua avaliação. Se você considerar que o item não pertence a nenhum fator deixe a coluna análise de conteúdo em branco, se considerar que o item pertence a mais de um fator, marque X nos fatores correspondentes.

Análise da semântica: Na coluna “**Análise da semântica**” avalie os itens quanto aos critérios de **clareza** do item (se o item é facilmente compreendido) e de **relevância** (o quanto você considera o item importante para a dimensão) utilizando a seguinte escala:

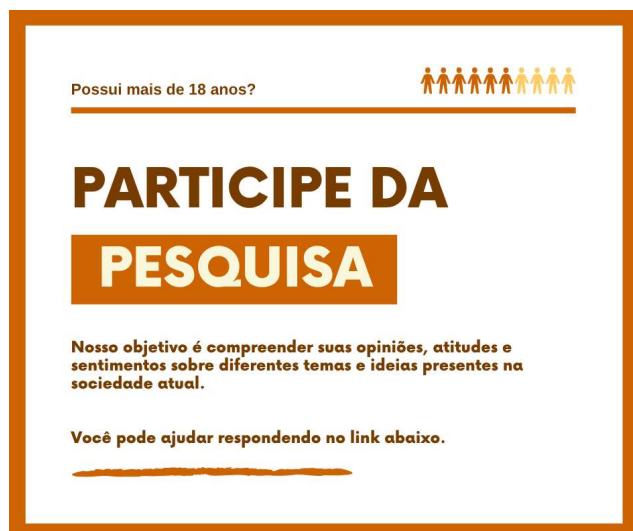
- (1) não contempla (2) contempla pouco (3) contempla satisfatoriamente
(4) contempla muito (5) contempla fortemente


Anote o número da escala correspondente a sua avaliação no espaço das colunas de clareza e relevância.

ITENS	Análise do Conteúdo Dimensões		Análise da Semântica	
	1	2	Clareza	Relevância
1) <i>Ruptura do Tecido Social: Declínio da confiança e da moralidade, levando à fragmentação social..</i> 2) <i>Colapso das Lideranças Políticas: Falta de legitimidade dos líderes, gerando instabilidade e desordem.</i>				
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				

Anexo F

Imagem de divulgação da pesquisa



Possui mais de 18 anos? 

PARTICIPE DA PESQUISA

Nosso objetivo é compreender suas opiniões, atitudes e sentimentos sobre diferentes temas e ideias presentes na sociedade atual.

Você pode ajudar respondendo no link abaixo.



 POSSUI MAIS DE 18 ANOS E
RESIDE EM TERRITÓRIO
BRASILEIRO? 

Participe do Estudo!

 Nosso objetivo é adaptar uma Escala
sobre ausência de normas sociais 

Clique no link da descrição!

Anexo G

Escala Unifatorial de Representações Mentais de Desigualdade Econômica

A escala foi organizada de forma a ser mensurada em escala Likert de concordância de 7 pontos, desde (1) Discordo Fortemente à (7) Concordo Fortemente. Comando para o participante: convidamos você a responder às afirmações a seguir, que se referem a diferentes situações do dia a dia. Queremos conhecer a sua percepção em relação a essas situações e o grau de aplicabilidade delas para representar a realidade observada por você. Por favor, indique seu nível de concordância com cada item, com base em sua experiência pessoal. Sua resposta inicial e sincera é extremamente valiosa para nossa pesquisa.

1. Na minha cidade, os estudantes de escolas particulares têm mais dinheiro.
2. Pessoas de baixa renda possuem maior dificuldade em manter os filhos na escola.
3. As pessoas de baixa renda moram em bairros mais distantes do centro da cidade.
4. A segurança do bairro onde se mora está relacionada à renda dos moradores da região.
5. Ter acesso a mais de um tipo de meio de transporte particular é um indicativo de uma alta renda.
6. As pessoas de alta renda têm mais alternativas para cuidar da própria saúde.
7. A espera prolongada por atendimento médico acontece somente com pessoas de baixa renda.
8. Na cidade onde eu moro, os eventos artísticos gratuitos têm mais pessoas de baixa renda.
9. Na minha cidade, há mais pessoas de alta renda frequentando shoppings por lazer.
10. Viajar mais de uma vez por ano é um indicativo de renda elevada.
11. As pessoas com condições financeiras mais baixas são vistas fazendo os trabalhos que outras não se interessam em fazer.
12. As profissões braçais são realizadas por pessoas de baixa renda.

Anexo H

Escala Genérica de Crenças Conspiratórias

Por favor, indique o grau em que você acredita que cada afirmação provavelmente seja verdadeira de acordo com a seguinte escala. Considere que: 1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo muito; 3 = Nem concordo nem discordo; 4 = Concordo muito; e 5 = Concordo totalmente.

1. O governo está envolvido na execução de cidadãos inocentes e/ou de figuras públicas conhecidas, e mantém isso em segredo.
2. O poder mantido por chefes de Estado é menor que o de pequenos grupos desconhecidos que realmente controlam a política mundial.
3. Organizações secretas comunicam-se com extraterrestres, mas escondem esse fato da população.
4. A disseminação de certos vírus e/ou doenças é o resultado de esforços deliberados e ocultos de alguma organização.
5. Grupos de cientistas manipulam, fabricam ou escondem evidências para enganar a população.
6. O governo permite ou perpetra atos de terrorismo em seu próprio território, encobrendo seu envolvimento.
7. Um grupo pequeno e secreto de pessoas é responsável por tomar todas as grandes decisões mundiais, como iniciar guerras.
8. Evidências de contato alienígena estão sendo escondidas da população.
9. Uma Tecnologia com capacidade de controle mental é usada em pessoas sem que elas saibam.
10. Uma Tecnologia nova e avançada que poderia prejudicar a indústria atual está sendo escondida.
11. O governo usa pessoas como bodes expiatórios para esconder seu envolvimento em atividades criminosas.
12. Certos eventos importantes são o resultado da atividade de um grupo pequeno que secretamente manipula eventos mundiais.
13. Alguns avistamentos e rumores de Objetos Voadores Não-Identificados são planejados ou encenados para distrair a população de contatos alienígenas reais.

14. Experimentos envolvendo novas drogas ou tecnologias são rotineiramente conduzidos na população sem seu conhecimento ou consentimento.
15. Muitas informações importantes são deliberadamente escondidas da população por interesses próprios.

Anexo I

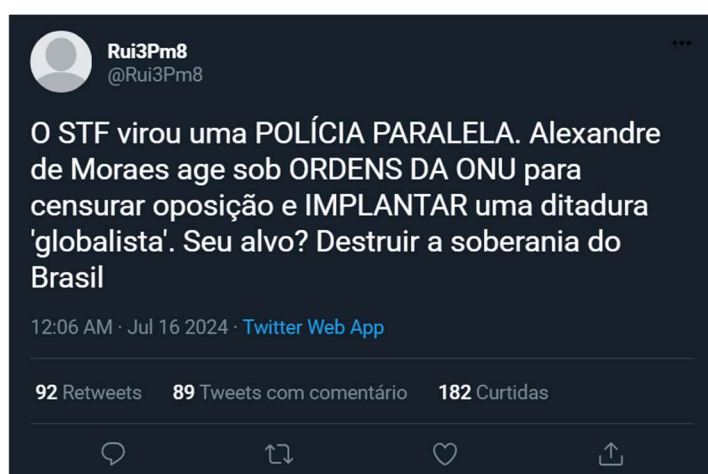
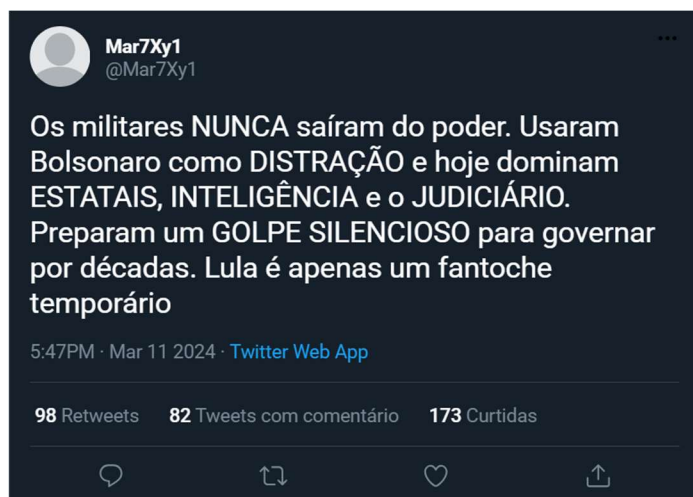
Escala de Autoritarismo de Direita


Este questionário busca entender as suas opiniões sobre diversos temas sociais. Por favor, marque o quanto você concorda com as afirmações abaixo. Considere que: 1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo muito; 3 = Nem concordo nem discordo; 4 = Concordo muito; e 5 = Concordo totalmente.

1. Os crimes e as desordens públicas recentes mostram que se quisermos preservar a lei e a ordem, devemos agir de forma mais dura com os desordeiros.
2. O que o nosso país realmente precisa é uma dose forte e dura de lei e ordem.
3. Ser gentil com criminosos só os encoraja a tirar proveito de sua fraqueza, sendo melhor agir de maneira firme e dura com eles.
4. Quanto maior o número de pessoas preparadas para desafiar o governo, melhor para a sociedade.
5. Estudantes de colégios universidades devem ser encorajados a desafiar, criticar e confrontar autoridades.
6. É ótimo que atualmente muitos jovens estejam preparados para desafiar a autoridade.
7. As pessoas deveriam ter as suas próprias preferências sexuais, mesmo se isso torná-las diferentes do resto da sociedade.
8. Não há nada de errado com sexo antes do casamento.
9. As pessoas deveriam ter os seus próprios estilos de vida mesmo se isso torná-las diferentes do resto da sociedade.
10. Nosso país será melhor se obedecermos nossos líderes.
11. O segredo para uma boa vida é o respeito pela autoridade.
12. O que nosso país mais precisa é disciplina, com todos seguindo nossos líderes.

Anexo J

Vinhetas de Conteúdo Conspiratório (Formato Twitter/X)







 **Gb6Ko3**
@Gb6Ko3

O ataque a Bolsonaro foi ENCENADO. A ausência de sangue, o timing eleitoral... Tudo COMBINA com um ROTEIRO para transformá-lo em mártir e justificar um GOLPE 'legalizado' no futuro

1:37 PM · Set 28 2024 · [Twitter Web App](#)

103 Retweets 91 Tweets com comentário 179 Curtidas




   


 **Fer5Jk9**
@Fer5Jk9

O agro e o mercado financeiro estão em CONLUIO para sabotar o governo Lula. O Banco Central, CONTROLADO por elites, mantém juros altos DE PROPÓSITO. Um plano para estrangular a economia e criar caos social, mesmo com indicadores econômicos positivos

7:05 AM · Fev 21 2024 · [Twitter Web App](#)

94 Retweets 85 Tweets com comentário 176 Curtidas





   

 **Dn4Wq7**
@Dn4Wq7

Alexandre de Moraes é um OPERADOR do FORO DE SÃO PAULO. Ele FRAUDOU as eleições a mando de grupos internacionais, PRENDE opositores sob falsas acusações e AGE como um ditador porque TEM APOIO DE POTÊNCIAS ESTRANGEIRAS. O Senado é a última barreira

9:13 AM · Out 02 2024 · [Twitter Web App](#)

91 Retweets 86 Tweets com comentário 175 Curtidas



   

 **Lus9Zt2**
@Lus9Zt2

A mídia e as ELITES GLOBAIS inventaram a crise econômica para DERRUBAR Lula. Querem um 'Milei brasileiro' a qualquer custo, mesmo que signifique FOME em massa. Tudo para ENTREGAR o país ao FMI e aos bancos

7:58 AM · Mai 22 2024 · [Twitter Web App](#)

98 Retweets 81 Tweets com comentário 177 Curtidas


   

 **Ju0Rn8**
@Ju0Rn8

A Lei Rouanet foi TRANSFORMADA em ARMA POLÍTICA pelo GOVERNO e por ORGANIZAÇÕES GLOBAIS. Sob o disfarce de 'cultura', financiam MILITÂNCIA IDEOLÓGICA com dinheiro público, COMPRAM artistas e fabricam 'heróis populares' para CONTROLAR o voto popular

10:57PM · Fev 11 2024 · [Twitter Web App](#)

97 Retweets 84 Tweets com comentário 182 Curtidas

Anexo L

Modelo Completo

